



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cnpq.cepqa.usp.br/hortifruti

Especial Tomate



GESTÃO SUSTENTÁVEL

“O que não se mede, não se gerencia”

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Premio® e Rynaxypyr® são marcas registradas da DuPont®. Copyright, 2009, DuPont do Brasil S/A. Todos os direitos reservados.

COM PREMIO® , VOCÊ SABE ONDE AS BROCAS E TRAÇAS FORAM PARAR. FORA DA SUA LAVOURA.



Agora sua lavoura, sua produtividade e sua rentabilidade estão muito mais protegidas. É só aplicar Premio®.

- Alta eficiência no controle das traças e brocas do tomateiro;
- Molécula Rynaxypyr®: modo de ação único e eficiente;
- Rápida parada alimentar; mais segurança para sua lavoura;
- Longo período de controle;
- Seletivo a insetos benéficos, inclusive abelhas;
- Contribui com o Manejo Integrado de Pragas (MIP);
- Mais favorável ao homem e ao meio ambiente.

Premio®. Proteção para sua lavoura. Rentabilidade para você.

www.dupontagricola.com.br – Tele DuPont Agrícola 0800-707-5517



DuPont™ Premio®

Inseticida

Powered by
RYNAXYPYR®

Ogilvy



Os milagres da ciência

HORTIFRUTI BRASIL AMPLIA ESTUDOS DE CUSTO DE PRODUÇÃO PARA A SAFRA DE VERÃO



Larissa Pagliuca e João Paulo Deleo são os autores deste Especial Tomate.

“Não se gerencia o que não se mede, não se mede o que não se define, não se define o que não se entende, e não há sucesso no que não se gerencia.”

William Edwards Deming

A **Hortifruti Brasil** abre o seu *Especial Tomate* de 2012 com a citação de um dos precursores da Gestão da Qualidade para ressaltar a importância da informação e da gestão para se alcançar a sustentabilidade econômi-

ca das propriedades hortifrutícolas. E neste *Especial*, ampliamos o estudo de custo de produção de tomate para a temporada de verão, além de atualizar os dados referentes à safra de inverno.

Avançamos também no estudo de perfis de produção, avaliando as propriedades de pequeno, médio e grande portes no setor. As duas regiões contempladas são Caçador (SC) e Mogi Guaçu (SP), importantes praças produtoras, respectivamente, na safra de verão e de inverno de tomate de mesa. As três planilhas de custo de produção apresentadas nesta edição, obviamente, não representam todas as regiões produtoras de tomate de mesa no País, mas podem servir de parâmetro para que outros produtores adaptem a metodologia e avaliem a rentabilidade da cultura sob o enfoque da sustentabilidade econômica adotada pelo Cepea.

O avanço dos estudos de custo de produção na região de Caçador contou com o apoio dos técnicos da

Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina). Profissionais da Epagri convidaram a Equipe Tomate/Cepea a fazer parte do projeto multitemático com outras instituições denominado “Avanços tecnológicos para a busca da sustentabilidade na cadeia produtiva do tomate de mesa”.

O Cepea foi responsável pela apuração do custo de produção das propriedades típica de tomate de Caçador, com o intuito de avaliar a sustentabilidade econômica na região. O projeto conta com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapescc). Os resultados de custo de produção da região de Caçador, bem como os de Mogi Guaçu, praça estudada pelo quarto ano consecutivo, podem ser conferidos na *Matéria de Capa* desta edição.

PESQUISADORA DO CEPEA É PREMIADA POR CONTRIBUIÇÕES À CITRICULTURA

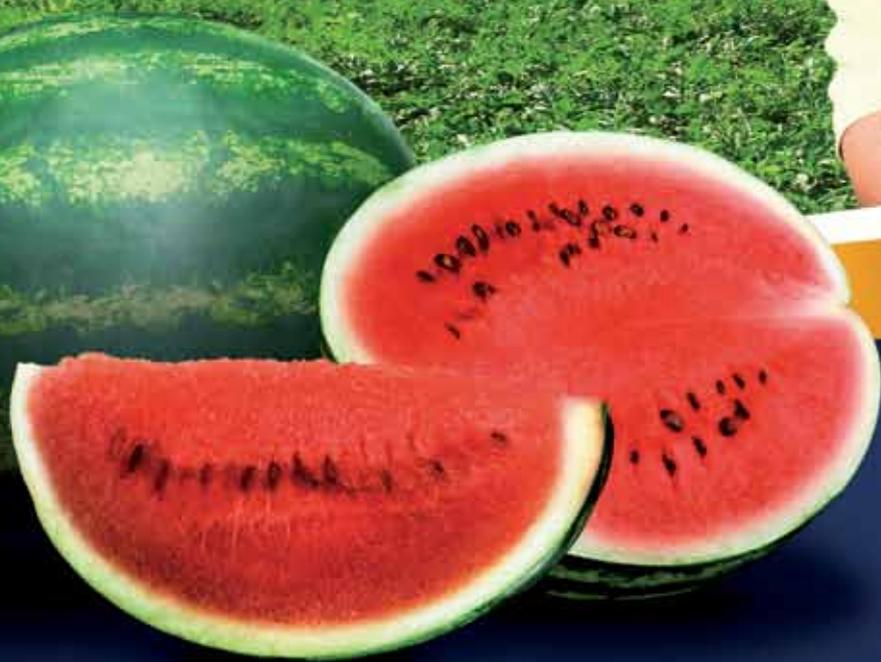
A Dra. Margarete Boteon, editora científica da **Hortifruti Brasil** recebeu o prêmio “Engenheiro Agrônomo Destaque da Citricultura”, edição 2012, concedido pelo Centro de Citricultura Sylvio Moreira, do Instituto Agronômico de Campinas. A entrega do prêmio ocorreu no último dia 28 de maio, na abertura da 34ª Semana da Citricultura, em Cordeirópolis (SP). Margarete foi premiada devido às suas pesquisas sobre a citricultura brasileira e mundial, realizadas desde 1998. Em 2007, o Cepea também foi premiado pelo Centro de Citricultura, na categoria “Instituições e lideranças da citricultura brasileira”.



Margarete Boteon recebe o prêmio de Marcos Machado, pesquisador e diretor do Centro Centro APTA Citros “Sylvio Moreira”.

A equipe de Margarete entra em contato diariamente com citricultores, beneficiadores e representantes da indústria para apurar preços de frutas cítricas em todas as regiões relevantes em termos de produção e comercialização no estado de São Paulo. Assim como para o tomate, todo ano, também são atualizados os estudos sobre custos de produção de laranja com o objetivo de acompanhar, com rigor científico, a evolução da sustentabilidade da citricultura paulista. Os levantamentos de custo de produção de laranja podem ser conferidos nas edições de maio da **Hortifruti Brasil** e as análises de mercado estão todo mês na revista, na Seção Citros.

Mude para melhor, plante melancia híbrida Explorer



Melancia
Explorer

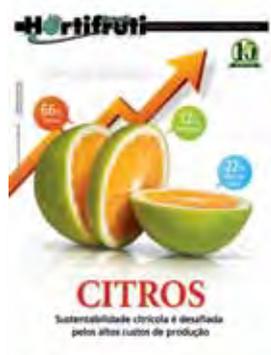
- Resistente a viroses (WMV e ZYMV)
- Sementes grandes para plantio
- Precocidade

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br

Tel.: 24 2222-9000

OPINIÃO



Especial Citros

Achei a edição excelente, mostra a realidade do setor e o caminho perigoso que a citricultura está tomando. Concordo com os números na matéria que mostram os aumentos nos custos com mão de obra e defensivos, apesar de considerar que o mais limitante são os custos com nutrição. Acredito que a limitação do uso do *carbendazim* não irá afetar significativamente, pois ele já não fazia parte do protocolo de fungicidas da

minha propriedade.

Francisco Paulon – Jales/SP

O *Especial Citros* é uma referência aos produtores, formadores de opinião e pesquisadores. Acho que limitar o uso do *carbendazim* aumentará o custo das pulverizações com os produtos e diminuição da produção, caso outros ingredientes ativos não sejam eficientes como o *carbendazim*. Os trabalhos de custo de produção do

ÍNDICE

CAPA **10**



Em mais uma edição, a Hortifruti Brasil alerta sobre a importância do cálculo correto dos custos de produção e estimula a usar essa informação no planejamento do dia-a-dia das propriedades tomaticultoras.

Novo e-mail da Hortifruti Brasil

hfcepea@usp.br

Cada produto também está de novo e-mail.

Confira nas Seções desta edição.

Anote e mantenha contato conosco!



SEÇÕES

BATATA		28
TOMATE		30
CEBOLA		32
FOLHOSAS		33
CENOURA		34
MELÃO		35
CITROS		36
MANGA		38
UVA		39
MAÇÃ		40
BANANA		41
MAMÃO		42

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:

Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Larissa Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva:

Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira:

Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Ana Paula da Silva MTB: 27.368

Revisão:

Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Aline Fernanda Soares, Caroline Ochiuse Lorenzi, Diogo de Souza Ferreira, Edinaldo Borgato, Fabrício Quinalia Zagati, Guilherme Ramalho dos Santos, Helena Galeskas, Isabella Lourencini, Karina Yukie Shinoda, Letícia Julião, Marcella Benetti Ventura, Mayra Monteiro Viana, Margarete Boteon, Renata Pozelli Sábio, Rodrigo Moreira Ramos e Rodrigo Nardini.

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

ênfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Impressão:

Gráfica Modelo
19 3728-9000

Contato:

Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000
Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista Hortifruti Brasil pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

ou para: hfbrazil@esalq.usp.br

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Cepea ajudam muito, pois quanto mais informação o produtor tiver, melhor. Gostaria de ter mais informações na formação do custo da processadora e repasse para o produtor.

João Baggio – Araras/SP

Achei a edição perfeita e abrangente. Concordo com os custos de produção das fazendas estudadas; em minha opinião vamos deixar de sermos os maiores produtores de citros, pois a conta não fecha.

Marcelo Albertini – Mogi Mirim/SP

Muitos dos pontos apresentados na matéria são a realidade brasileira na citricultura. Estamos constantemente perdendo mão de obra para as usinas que podem remunerar muito melhor, o que contribui ainda mais para o aumento deste custo, além dos reajustes anuais trabalhistas. Apesar de o custo de alguns insumos ter diminuído, a utilização tem aumentado com a volta do cancro cítrico e a persistência de algumas outras (como CVC, *greening*, pinta preta, estrelinha e furão). Com a restrição ao uso do *carbendazim*, vai impactar nos custos, já que os outros produtos recomendados são mais caros. Venho de uma família que produz citros há mais de 40 anos e acredito, infelizmente, já estarmos vendo alguns sinais de que estamos chegando ao fim desta história.

Emerson Fiorin – Vista Alegre do Alto/SP

Muito boa a matéria, ela reflete em parte os custos de fazendas em diferentes cenários de produção, regionais e administrativos. O produtor não acompanhou a evolução de custos da mão de obra, e em especial, de insumos como adubo e inseticidas para o controle do *greening*. Contabilizo que, ao substituir o *carbendazim* para outros ingredientes ativos, poderá impactar em um aumento de 40% no custo de controle da estrelinha, se considerado somente 4 pulverizações. Não basta apenas o produtor ter maior conhecimento de seus cus-

tos para conseguir um preço mais justo com a indústria. A composição de preços baseia-se também em outros fatores, como perspectiva de produção da safra anual, estoques da indústria, preços internacionais, cotação do dólar, produção própria da indústria.

Rubens Feferbaum – Itaip/SP

Os dados publicados na revista têm sido a minha principal fonte de consulta com relação ao custo de produção, por achar que sempre estão muito bem atualizados. Agradeço a toda equipe.

Almir Peretto – São Paulo/SP

Sem um preço mínimo que remunere os gastos, os citricultores ficam cada vez mais descapitalizados. A limitação no uso do *carbendazim* vai impactar com certeza, porque esse ativo é o mais barato dos fungicidas. Com um produto a menos para fazer rotação de fungicida, poderemos ter menos controle de pragas.

José Mateus Camargo – Tatuí/SP

Esses estudos ajudam produtores e técnicos a repensarem os sistemas de produção. Vejo que a laranja está na mão de poucos compradores. O produtor deve se organizar em cooperativas com uma boa equipe técnica de campo e de escritório. Não vejo que a limitação de um produto de baixo custo, como o *carbendazim*, atrapalhe toda atividade; temos bons agrônomos no setor produtivo, empresas de pesquisa, que podem solucionar no curto prazo. Acompanho várias cadeias produtivas, inclusive as commodities, e temos muitos desperdícios no campo. Pensar somente em custos baixos não resolve nossa competitividade. Melhorar a qualidade e implementar preços são desafios constantes, temos que trabalhar intensamente, com pessoas competentes e comprometidas com a produção.

Thamurgo Guimarães Castro Junior – Sinop/MT

Compack



Híbrido do tipo salada, com excelente pegamento sequencial de frutos e alta produtividade



Seminis



JORNADA PRODUTIVA FLV

Tecnologia no presente, olhar no futuro.

2012

De 20 a 22 de junho, será realizada, na Estação Experimental da Syngenta em Holambra, a Jornada Produtiva FLV 2012. O evento acontece na mesma data da Hortitec, possibilitando que os convidados da Jornada visitem também esse importante evento do setor¹.

Um marco no setor.

A expectativa é de que mais de 3.000 produtores agrícolas prestigiem o evento, que promete ser um marco no setor. Serão mais de 80 apresentações sobre FLV, expostas em uma dinâmica inédita, abrangendo mais de 19 culturas agrícolas.

Os desafios e as oportunidades do mercado FLV.

Estarão em debate as oportunidades e desafios que o cultivo de frutas, legumes e verduras representa em todos os elos da sua cadeia produtiva. Enquanto resultados positivos para produtores de hortifrutícolas animam o setor, o desafio está em conseguir maior produtividade sem aumentar o uso de recursos naturais e em como lidar com a escassez de mão de obra.

Tecnologia para falar de tecnologia.

Como o foco é a tecnologia, uma dinâmica interativa inédita foi preparada para abordar o assunto. Todos os participantes receberão um tablet, que será usado durante a visita às áreas de campo, com o qual poderão acessar os conteúdos de cada cultura plantada. Tecnologia de plantio e tratamento, sementes, comercialização, manejo de cada cultura, dicas e informações úteis estarão à mão dos visitantes, de forma simples e eficiente, consolidando o conceito de uma jornada de tecnologia para a produtividade.

Um movimento que faz a diferença.

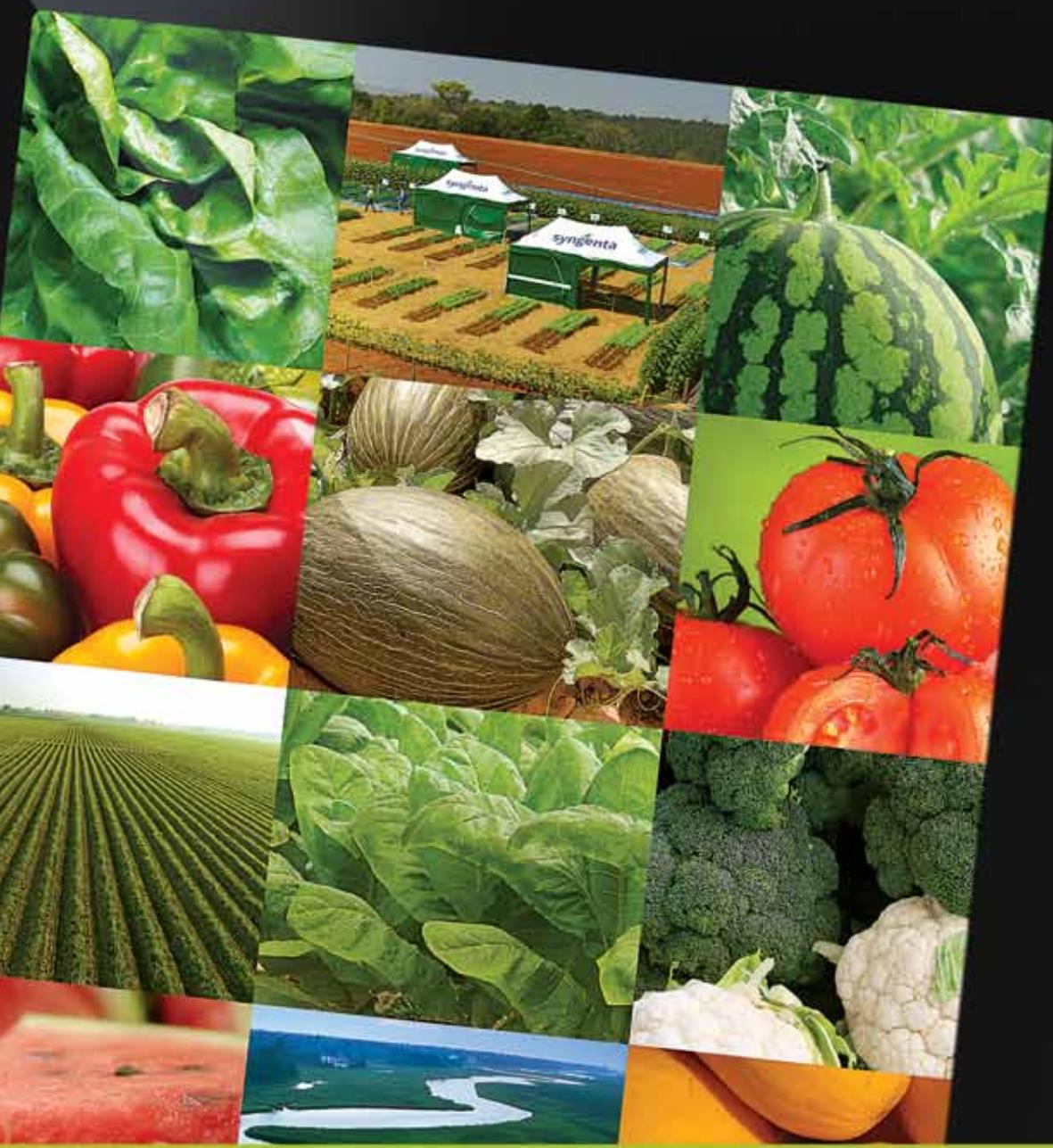
A Jornada Produtiva FLV é um movimento liderado pela Syngenta, em prol da evolução deste mercado no Brasil, considerando todos os elos da cadeia produtiva e promovendo sua interação e aproximação. O objetivo é chamar a atenção para novas tecnologias e implementar ações que inovem o mercado de FLV no Brasil.

Quem faz parte desta jornada.

A Jornada Produtiva FLV é idealizada por um grupo de instituições privadas e públicas do mercado de Frutas, Legumes e Verduras no Brasil e que representam os diferentes elos da cadeia.

Desde 2010	A partir de 2012	
Associação Brasileira da Batata (ABBA)	Caliman	Flórida Estufas
Câmara Setorial da Cadeia Produtiva de Hortaliças do MAPA	Ceagesp	Hortishop Sistemas de Irrigação
Grupo Pão de Açúcar	Cepea	IAC
John Deere	Clorophila	INCAPER
SEBRAE	Conplant	UFERSA
Syngenta	ESALQ	UFV
YARA Fertilizantes	FAN (Faz Área Nova)	UNESP

¹ Veículos exclusivos estarão disponíveis para os participantes visitarem os dois eventos.



syngenta®

O QUE NÃO SE MEDE,

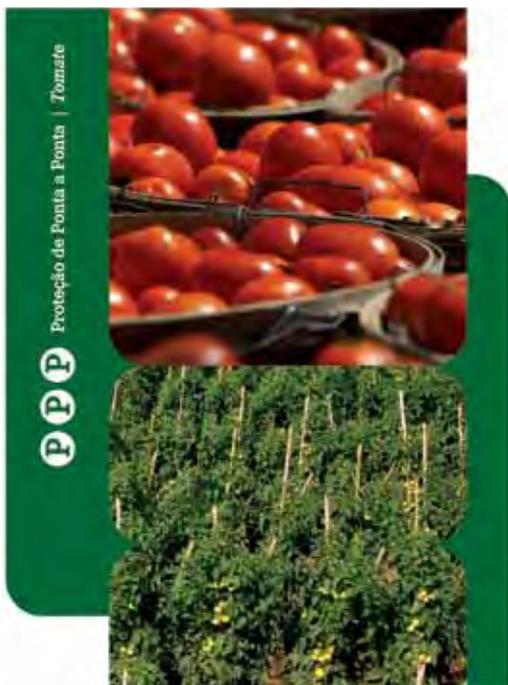
Hortifruti Brasil ressalta a importância da apuração do custo

Em mais uma edição *Especial Tomate*, a **Hortifruti Brasil** ressalta a importância de o produtor apurar seu custo corretamente e o estimula a usar essa informação no planejamento do dia-a-dia da sua propriedade, como forma de contribuir para a longevidade do negócio hortifrutícola. Nesta edição, ampliamos o estudo da gestão sustentável na tomaticultura apresentando o custo inicial e o investimento para implantar uma produção de tomate de mesa sob o sistema envarado.

Os estudos passam também a abranger mais uma região: Caçador (SC), importante produtora no verão, com

tro anos para o *Especial Tomate*, na safra de inverno deste ano, devem ser cultivadas cerca de 9,5 milhões de plantas. Ao contrário de Caçador, o perfil de propriedade avaliado na região paulista é de uma estrutura média, com 165 mil plantas/ano. Apesar da opção de se avaliar o médio produtor, mais representativo nesta região, em Mogi Guaçu há também produtores com perfis de pequena e grande escala de produção.

Com os dados obtidos, observa-se que a escala de produção influencia na otimização dos custos de produção. Ainda que Caçador e Mogi Guaçu colham em épo-



Dow AgroSciences: Pro

Curathane[®]
SC

Dithane[®]
NT

Vem aí...
NOVA
MOLECULA

Sabre[®]

A Dow AgroSciences é uma das mais importantes empresas mundiais

Dentre os diversos segmentos de atuação, tem destaque sua linha de a lavoura por todo o ciclo vegetativo, contra doenças fúngicas e pragas,

Conheça a linha que protege sua produção de ponta a ponta!

| • | - Marcas Registradas de Dow AgroSciences | Platinum Neo - Marca registrada de Syngenta Proteção de Cultivos | Efect - Marca

cerca de 13 milhões de plantas cultivadas na última temporada (2011/12). Para essa região, foram apurados o investimento e o custo de produção de dois perfis típicos de propriedade: pequena escala, com 10 a 50 mil plantas/ano, e grande escala, com produção de 300 mil plantas/ano. A média escala de produção não é comum nesta região; a pequena e a grande representam, cada uma, metade da produção.

Na região de Mogi Guaçu (SP), acompanhada há qua-

cas distintas, é possível comparar suas estruturas de custo. Conforme apresentado nas próximas páginas, propriedades de pequena escala (1 a 2 hectares), especialmente aquelas dedicadas somente à produção de tomate, são menos competitivas que as médias e grandes. A razão é que os custos fixos oneram mais as propriedades de 1 a 2 hectares do que aquelas de 15 (média escala de produção) e de 27 hectares (grande escala de produção).

NÃO SE GERENCIA

de produção para uma melhor gestão na tomaticultura

QUAL O INVESTIMENTO PARA A CULTURA DO TOMATE?

Quanto maior a área, maior o aporte financeiro para se implantar o tomate de mesa sob o sistema envarado. Independente do tamanho, o produtor deve estar ciente de que, na cultura de tomate, além de o custo médio de produção ser elevado, o de implantação da cultura também é significativo e deve ser considerado em uma análise de viabilidade econômica.

Quando se avalia o investimento na cultura do tomate sob o sistema envarado, deve-se levar em conta a estrutura de estaqueamento, benfeitorias, maquinário e implementos. ✔

dados são apresentados por grupo de escala de produção e desagregados por categoria de investimento.

Apesar de a terra não ter sido levada em conta no cálculo inicial do investimento, ela é um item importante na estrutura do cálculo. O produtor pode optar pelo uso de terra própria ou arrendada. Como essa tomada de decisão varia de produtor a produtor, não foi considerado valor referente a esse item na estimativa do cálculo do investimento inicial apresentada na página 12. ✔

teção de Ponta a Ponta



Tairel M

Platinum NEO



de ciência e tecnologia para o agronegócio.

proteção para a cultura do Tomate. São diversos produtos protegendo que comprometem esta cultura de alto valor agregado.

registrada de Oxiquímicos Agrociência | Tairel M – Marca registrada de FMC Agricultural Products.



www.dowagro.com.br | 0800 772 2492

De todos os itens, só o estaqueamento é dedicado exclusivamente à cultura do tomate; os demais – benfeitorias, máquinas e implementos – podem ter seu uso rateado com outras atividades agrícolas na propriedade, ajudando a diluir os custos fixos. No entanto, na análise do investimento aqui apresentada, optou-se por considerar que todas as benfeitorias, maquinário e implementos são usados exclusivamente para a cultura do tomate. Esse modelo de cálculo está descrito na página 12. Os

Mesmo não se considerando a terra, observa-se que o valor do investimento na cultura é elevado, especialmente quando se analisa o montante necessário por hectare de pequena escala de produção, já que é necessário o uso de um número mínimo de máquinas e implementos para a implementação e manejo da cultura. Para que o custo do pequeno produtor se aproxime do custo do médio ou do grande, é preciso que maximize o uso das benfeitorias, máquinas e implementos com

outras atividades (veja exemplo na página 14). Caso as utilize somente para a cultura do tomate, tais investimentos são inviáveis para uma área de 1 a 2 hectares.

Já um plantio acima de 15 hectares otimiza o uso exclusivo desse capital fixo na produção de tomate, como pode ser observado nos casos de média e grande escalas. A diferença entre essas duas escalas de produção se dá principalmente pela máquina de classificação, mais utilizada por grandes produtores. Apesar do maior investimento, já que uma máquina de classificação pode custar R\$ 100.000,00, a produção em escala elevada justifica esse investimento por conta da redução da mão de obra, principalmente.

Todos os bens comprados/construídos/formados em uma propriedade (descritos na página 12) são investimentos e a recuperação do montante aplicado ocorre somente no longo prazo, de acordo com a vida útil do bem. Uma casa de funcionário tem vida útil que pode ir de 20 a 50 anos, enquanto um trator pode durar de 10 a 15 anos. À medida que o bem é utilizado na cultura do tomate, ele deve gerar receita suficien-

te para recuperar o capital investido nele mesmo.

Assim, é muito importante que o produtor separe o grupo “investimento” do grupo “gastos”. Gastos são obrigações que o produtor tem ao longo de uma safra, como o pagamento de mão de obra, fertilizantes e sementes, por exemplo. O Custo Operacional descrito nas planilhas das páginas 15, 17 e 19 referem-se aos gastos/obrigações do produtor para uma safra.

O montante necessário para a recuperação do patrimônio ao longo da sua vida útil acrescido de um custo de oportunidade do capital investido é o que o Cepea chama de Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP). Ao se proceder ao seu cálculo, é importante que seja separado o que é despesa do que é bem/patrimônio na contabilidade da fazenda. O CARP é calculado somente para os bens/patrimônio da propriedade. O cálculo do CARP apresentado nas páginas 15, 17 e 19 foi baseado no investimento inicial descrito na tabela abaixo. Observe que, para a pequena escala, foi retirado do cálculo do CARP o percentual do patrimônio que é destinado a outras atividades da propriedade – que não o tomate.

QUANTO CUSTA INVESTIR NA CULTURA DE TOMATE?

	PEQUENA ESCALA	MÉDIA ESCALA	GRANDE ESCALA
PERFIL			
Localização	Caçador	Mogi Guaçu	Caçador
Área média (ha)	1,25 hectares	15 hectares	27,27 hectares
Número de pés (total)	15 mil pés/safra	165 mil pés/safra	300 mil pés/safra
Adensamento	12.000 plantas/ha	11.000 plantas/ha	11.000 plantas/ha
Terreno ^(a)	Terra própria	Área arrendada	Área arrendada
ESTRUTURA DE FORMAÇÃO			
Estaqueamento	R\$ 4.166,91	R\$ 90.070,00	R\$ 62.290,91
BENFEITORIAS^(b)			
Galpão de máquina e uso geral	R\$ 20.000,00	R\$ 8.000,00	R\$ 130.000,00
Casa para funcionário	R\$ 61.000,00	-	R\$ 40.000,00
Banheiro	-	R\$ 2.000,00	R\$ 4.800,00
Galpão de beneficiamento	-	-	R\$ 120.000,00
Refeitório	-	R\$ 4.000,00	-
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS^(b)			
Irrigação (motobomba+canos e outros)	R\$ 13.740,00	R\$ 100.000,00	R\$ 211.864,00
Tratores	R\$ 100.000,00	R\$ 250.000,00	R\$ 455.000,00
Implementos	R\$ 62.000,00	R\$ 108.800,00	R\$ 116.600,00
Utilitários	R\$ 145.000,00	R\$ 92.000,00	R\$ 246.000,00
Máquina de classificação	-	-	R\$ 100.000,00
OUTROS			
Caixas plásticas	R\$ 6.000,00	R\$ 22.000,00	R\$ 70.000,00
Ferramentas ^(c)	R\$ 500,00	-	R\$ 8.181,81
TOTAL	R\$ 412.406,91	R\$ 676.870,00	R\$ 1.564.736,72
CUSTO POR HECTARE	R\$ 329.925,53	R\$ 45.124,67	R\$ 57.379,42

Todos os itens apurados no investimento foram considerados valor novo de aquisição.

(a) No cálculo do investimento inicial, não foi computado o valor da terra pois há situações onde o produtor arrenda.

(b) Benfeitorias/Máquinas e Implementos não foram rateados/utilizados para outras culturas. Foi considerado 100% do uso para o tomate.

(c) Produtores de Mogi Guaçu apontaram as ferramentas de campo como Custo Operacional, pois declararam que a vida útil não ultrapassa uma safra.

O QUE DEIXA O TOMATE MAIS ALEGRE ?

As pesquisas demonstram que, com estímulos certos, as hortaliças respondem com mais cor e sabor. Este é o trabalho da Stoller: ajudar as plantas a lidar com o estresse e expressar todo o seu potencial genético, produzindo mais. Descubra como ativar o poder das suas plantas: acrescente Stoller.



Stoller®

ATIVANDO O PODER DAS PLANTAS

Em 56 países, com 38 anos de Brasil.
Mais pesquisas, tecnologias e resultados.
Informações e produtividade para o campo.

www.stoller.com.br



CUSTO DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR (SC): PROPRIEDADE DE PEQUENA ESCALA

Em todas as regiões pesquisadas, a captação dos custos de produção foi feita por meio de Painel – reunião com produtores e técnicos locais que informam, em consenso, detalhes das estruturas típicas da região. Em Caçador (SC), o Painel foi realizado no dia 09 de novembro de 2011, quando a Equipe Tomate/Cepea se reuniu com produtores de pequena escala. O custo de produção apurado refere-se à safra 2010/11, cuja colheita teve início em dezembro de 2010 e finalizou em abril/2011.

O típico produtor de pequena escala nessa região cultiva em terra própria; além do tomate, planta também pimentão, uva, pêssego, milho e outras culturas. A área total da propriedade típica é 36,3 hectares em média, sendo 80% dessa área apta para plantio, levando-se em conta que 20% são ocupados com reserva legal. Assim, a cultura do tomate ocupa em média 3,45% da área total. Como o produtor não paga arrendamento, estimou-se um custo de

oportunidade de uso da terra de R\$ 1.200,00/ha, valor que é despendido por grandes produtores locais que arrendaram para o cultivo de tomate na safra 2010/11.

A infraestrutura é composta por um barracão de madeira fixo na propriedade, com vida útil de 20 anos, a um custo de aquisição de R\$ 20.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 50% de valor residual. Há também uma casa, no valor de R\$ 61.000,00, vida útil de 40 anos, 20% de valor residual e taxa de manutenção de 40%. Para a colheita de 1,25 hectare, foram necessárias 400 caixas, que tiveram custo unitário de R\$ 15,00; sua taxa média de reposição é de 5% ao ano.

Os bens dessa propriedade de pequena escala não são utilizados somente para a cultura de tomate. Assim, para o cálculo da depreciação (CARP), optou-se por ratear o valor de aquisição dos bens entre as diversas culturas que os utilizam. O percentual de uso para o tomate foi estimado pelos participantes do Painel para cada bem descrito a seguir.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR - SAFRA DE VERÃO 2010/11

Área	1,25 hectare
Densidade	12 mil pés por hectare
Produtividade em 2010/11	3.120 caixas por hectare
Obtenção da terra	Própria
Estrutura básica (fixa)	1 barracão para uso geral e uma casa para o funcionário
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Sulco

Descrição das máquinas, implementos e ferramentas	% utilizada na tomaticultura*
1 trator de 20 cavalos 4 x 2	20%
1 trator de 75 cavalos 4 x 2	30%
1 grade de 14 discos e 28 polegadas	50%
1 subsolador de 5 hastes	20%
1 sulcador de 2 linhas	100%
1 carreta de 5 toneladas e quatro rodas	20%
1 distribuidor de calcário de arrasto de 1500 kg	50%
1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	40%
1 utilitário	30%
1 caminhão	30%
Ferramentas	100%

* O cálculo da depreciação (CARP) dos bens foi ponderado pelo quanto são usados para o tomate; partiu-se do valor de aquisição.

**CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC)
SAFRA DE VERÃO 2010/11 - PEQUENA ESCALA DE PRODUÇÃO**

Itens	Custo/ha (R\$/ha)	Custo/pé (R\$/pé)	% CO	% CT
(A) Insumos	R\$ 10.975,50	R\$ 0,91	23,09%	19,66%
Fertilizante e Corretivo	R\$ 6.692,20	R\$ 0,56	14,08%	11,99%
Adubação Foliar	R\$ 180,00	R\$ 0,02	0,38%	0,32%
Fungicida/Bactericida	R\$ 2.628,40	R\$ 0,22	5,53%	4,71%
Inseticida	R\$ 974,40	R\$ 0,08	2,05%	1,75%
Herbicida	R\$ 140,00	R\$ 0,01	0,29%	0,25%
Adjuvante/Outros	R\$ 360,50	R\$ 0,03	0,76%	0,65%
(B) Semente	R\$ 3.750,00	R\$ 0,31	7,89%	6,72%
(C) Viveirista	R\$ 780,00	R\$ 0,07	1,64%	1,40%
(D) Replanteio	R\$ 317,10	R\$ 0,03	0,67%	0,57%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	R\$ 2.571,14	R\$ 0,21	5,41%	4,60%
(F) Operações Mecânicas	R\$ 2.529,07	R\$ 0,21	5,32%	4,53%
(G) Irrigação	R\$ 768,00	R\$ 0,06	1,62%	1,38%
(H) Mão de obra	R\$ 14.715,52	R\$ 1,23	30,95%	26,36%
Permanente	R\$ 13.115,52	R\$ 1,09	27,59%	23,49%
Diaristas	R\$ 1.600,00	R\$ 0,13	3,37%	2,87%
(I) Despesa com utilitários	R\$ 1.338,00	R\$ 0,11	2,81%	2,40%
(J) Despesas gerais	R\$ 7.730,00	R\$ 0,64	16,26%	13,84%
(K) Financiamento do Capital de Giro	R\$ 2.065,99	R\$ 0,17	4,35%	3,70%
(L) Custo Operacional (L=A+B+C+...+K)	R\$ 47.540,32	R\$ 3,96	100,00%	85,14%
(M) CARP	R\$ 7.094,98	R\$ 0,59		12,71%
Implantação	R\$ 174,03	R\$ 0,01		0,31%
Máquina	R\$ 1.013,20	R\$ 0,08		1,81%
Utilitários	R\$ 1.958,85	R\$ 0,16		3,51%
Implementos	R\$ 2.264,46	R\$ 0,19		4,06%
Equipamentos (Irrigação)	R\$ 925,02	R\$ 0,08		1,66%
Benfeitoria	R\$ 682,19	R\$ 0,06		1,22%
Ferramentas	R\$ 77,23	R\$ 0,01		0,14%
(N) Custo de Oportunidade da Terra	R\$ 1.200,00	R\$ 0,10		2,15%
(O) CUSTO TOTAL (L+M+N)	55.835,30	R\$ 4,65		100,00%

Custo Total (3.120 cxs/ha) - R\$ 17,90/cx de 23 kg

ALÉM DOS CUSTOS FIXOS, MÃO DE OBRA ONERA A PRODUÇÃO PARA O PEQUENO PRODUTOR DE CAÇADOR

Do Custo Total por hectare cultivado na safra de verão 2010/11 em Caçador, metade refere-se aos gastos com insumos, sementes e mão de obra para a pequena escala. Entre os insumos, que representam 26% do Custo Total (CT), os fertilizantes e corretivos respondem por quase metade desses dispêndios, representando, somente esses dois itens, 12,7% do Custo Total de produção. Na sequência, vêm os defensivos, que representam 7,35% dos Custos Totais, e as sementes, com 6,72%. Essas participações dos insumos são semelhantes às apuradas em outras regiões produtoras de tomate pesquisadas pelo Cepea.

A tomaticultura envarada ou estaqueada tem demanda intensiva por mão de obra devido à impossibilidade de se substituir as principais atividades manuais por mecanização. Assim, esse é um dos principais componentes que oneram a cultura, independente da escala e da região. No caso do pequeno produtor de Caçador, há necessidade de se ter três funcionários fixos durante o ciclo de desenvolvimento da cultura, que dura aproximadamente seis meses. Essas contratações representam a maior parte dos gastos com mão de obra que, em seu conjunto, responde por 23% do Custo Total. Durante o período da colheita, há necessidade de se contratar mais dois diaristas pelo período de 20 dias (40 diárias a R\$ 20,00/dia), o que vem a representar 2,8% do Custo Total.

Os gastos com utilitários são outro item importante na planilha do pequeno produtor. Neste caso, considerou-se o gasto com combustível e manutenção de um caminhão e da pick-up de pequeno porte (já rateados pelo tempo de uso para a cultura do tomate). Se agregarmos neste cálculo os impostos (IPVA+Seguro Obrigatório) com os dois veículos, essa conta sobe para 3,81% dos Custos Totais da tomaticultura. Se a área fosse maior, os custos com manutenção e impostos teriam um maior rateio, sendo reduzido o gasto por hectare.

As despesas gerais representam o terceiro item de maior peso no custo: 13,84% em média do Custo Total. A maior parte das despesas gerais é composta pelos gastos com o *pró-labore* e os seguros da lavoura de tomate - importante para a região,

que frequentemente tem problemas com chuva de granizo. É fundamental contabilizar um *pró-labore* para o proprietário do negócio, já que ele se dedica exclusivamente à atividade agrícola. Não há um valor pré-definido de quanto deve ser essa retirada do produtor. O consenso entre os participantes do Painel foi de R\$ 800,00 por mês para a área toda de tomate (1,25 hectare), por um período de seis meses.

Outro gasto importante que os produtores muitas vezes não apuram é o custo do capital de giro. Mesmo aqueles que não captam financiamento de custeio em bancos ou revendas, utilizando-se apenas de recursos próprios, devem contabilizar o custo de oportunidade desse dinheiro. Considerando-se uma parcela captada junto a revendas, outra do sistema público bancário e ainda uma parte proveniente de capital próprio, o capital de giro representou 3,7% do Custo Total.

A depreciação, representada neste estudo pelo CARP, é o terceiro componente de maior importância no CT, representando 12,71% do total. Esse percentual é elevado por conta do alto valor dos bens, especialmente maquinários, frente à área cultivada, mesmo fazendo-se o rateio da depreciação de máquinas, equipamentos, implementos e benfeitorias entre as culturas cultivadas.

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção da pequena escala de produção (%) de Caçador - safra de verão 2010/11



Surpreendentes

Híbridos de altíssima performance na sua plantação



Sotero

Tomate Híbrido F1

Lançamento

Colossus

Tomate Híbrido F1

Lançamento



 **FELTRIN**
SEMENTES

Uma
empresa
voltada para o
futuro 

www.sementesfeltrin.com.br
(54) 2109.4400

CUSTO DE PRODUÇÃO EM CAÇADOR (SC): PROPRIEDADE DE GRANDE ESCALA

A apuração do custo de produção de tomate em grande escala em Caçador foi feita em Paineis que contou com a participação dos grandes produtores da região no dia 10 de novembro de 2011. O consenso entre os participantes é de que a propriedade típica de grande escala apresenta 300 mil pés de tomate/ano, na área de 27,27 hectares, considerando-se o espaçamento típico de 11 mil plantas por hectare (módulo típico para essa estrutura). A mão de obra é representada por funcionários contratados permanentes. Neste grupo, está incluído também o meeiro, que normalmente é registrado pelo produtor por um período médio de seis meses, recebendo um salário e comissão de cerca de R\$ 1,10/cx colhida.

O produtor desse grupo não tem área própria, é arrendatário, e normalmente possui somente uma atividade agrícola: a tomaticultura. O valor do arrendamento na safra 2010/11 foi na média R\$ 1.200,00 por hectare. O calendário de colheita foi o mesmo da pequena escala da região: de dezembro de 2010 a abril de 2011.

A infraestrutura é composta por dois barracões de ma-

deira, com vida útil de 20 anos, a um custo de aquisição de R\$ 65.000,00 cada, com taxa anual de 1% de manutenção e 20% de valor residual. Há também duas casas, no valor de R\$ 20.000,00 cada vida útil de 20 anos, 20% de valor residual e taxa de manutenção de 1% ao ano. Há também oito banheiros no valor de R\$ 600,00 cada com vida útil de 10 anos e 2% de taxa de manutenção anual, sem valor residual. A propriedade dispõe ainda de um barracão de classificação do tomate no valor de R\$ 120.000,00, com vida útil de 20 anos, 1% de taxa de manutenção ao ano e 20% de valor residual.

Para a colheita dos 27,27 hectares, foram necessárias cerca de 5.000 caixas. O custo unitário da caixa foi de R\$ 14,00, com taxa média de reposição de 1% ao ano. Para classificação, há uma máquina no valor de R\$ 100.000,00, com vida útil de 15 anos, taxa de manutenção de 3% ao ano e 5% de valor residual.

Ao contrário do apurado na pequena escala, o cálculo da depreciação do maquinário, implementos, benfeitorias não teve rateio, sendo todo ele atribuído à tomaticultura.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE GRANDE ESCALA EM CAÇADOR - SAFRA DE VERÃO 2010/11

Área	27,27 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2010/11	3.520 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendada
Estrutura básica (fixa)	2 barracões para uso geral, duas casas para funcionários, oito banheiros e um barracão de classificação.
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Sulco

Descrição das máquinas, implementos e ferramentas*

- 3 tratores de 25 cavalos 4 x 2
- 2 tratores de 75 cavalos 4 x 2
- 1 trator de 60 cavalos 4 x 2
- 1 trator de 100 cavalos 4 x 4
- 1 grade de 16 discos e 28 polegadas
- 1 grade niveladora de 1 metro
- 1 subsolador de 7 hastes
- 1 sulcador de 2 linhas
- 4 carretas de 6 toneladas e quatro rodas
- 1 distribuidor de calcário de arrasto de 5.000 kg
- 3 pulverizadores de 400 litros (conjunto completo)
- 1 caminhão
- 1 ônibus
- 2 motos
- Ferramentas

*Alocados exclusivamente para a cultura do tomate

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) SAFRA DE VERÃO 2010/11 - GRANDE ESCALA DE PRODUÇÃO

Itens	Custo/ha (R\$/ha)	Custo/pé (R\$/pé)	% CO	% CT
(A) Insumos	R\$ 12.336,30	R\$ 1,12	26,59%	23,92%
Fertilizante e Corretivo	R\$ 7.615,00	R\$ 0,69	16,41%	14,76%
Adubação Foliar	R\$ 90,00	R\$ 0,01	0,19%	0,17%
Fungicida/Bactericida	R\$ 3.156,40	R\$ 0,29	6,80%	6,12%
Inseticida	R\$ 974,40	R\$ 0,09	2,10%	1,89%
Herbicida	R\$ 140,00	R\$ 0,01	0,30%	0,27%
Adjuvante/Outros	R\$ 360,50	R\$ 0,03	0,78%	0,70%
(B) Semente	R\$ 2.640,00	R\$ 0,24	5,69%	5,12%
(C) Viveirista	R\$ 514,80	R\$ 0,05	1,11%	1,00%
(D) Replântio	R\$ 315,48	R\$ 0,03	0,68%	0,61%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	R\$ 1.959,61	R\$ 0,18	4,22%	3,80%
(F) Operações Mecânicas	R\$ 1.717,19	R\$ 0,16	3,70%	3,33%
(G) Irrigação	R\$ 440,00	R\$ 0,04	0,95%	0,85%
(H) Mão de obra	R\$ 16.960,00	R\$ 1,54	36,55%	32,88%
Meeiros (temporários)	R\$ 14.672,00	R\$ 1,33	31,62%	28,44%
Fixos	R\$ 1.760,00	R\$ 0,16	3,79%	3,41%
Tratoristas	R\$ 528,00	R\$ 0,05	1,14%	1,02%
(I) Despesa com utilitários	R\$ 563,75	R\$ 0,05	1,21%	1,09%
(J) Despesas gerais	R\$ 5.804,34	R\$ 0,53	12,51%	11,25%
(K) Arrendamento da terra	R\$ 1.200,00	R\$ 0,11	2,59%	2,33%
(L) Financiamento do Capital de Giro	R\$ 1.948,02	R\$ 0,18	4,20%	3,78%
(M) Custo Operacional (M=A+B+C+...+L)	R\$ 46.399,49	R\$ 4,22	100,00%	89,95%
(N) CARP	R\$ 5.182,19	R\$ 0,47		10,05%
Implantação	R\$ 94,96	R\$ 0,01		0,18%
Máquina	R\$ 1.702,74	R\$ 0,15		3,30%
Utilitários	R\$ 501,53	R\$ 0,05		0,97%
Implementos	R\$ 972,42	R\$ 0,09		1,89%
Equipamentos (Irrigação)	R\$ 1.418,35	R\$ 0,13		2,75%
Benfeitoria	R\$ 425,75	R\$ 0,04		0,83%
Ferramentas	R\$ 66,44	R\$ 0,01		0,13%
(O) CUSTO TOTAL (M+N)	51.581,68	R\$ 4,69		100,00%

Custo Total (3.520 cxs/ha) - R\$ 14,65/cx de 23 kg

O MAIOR DESEMBOLSO DA GRANDE ESCALA DE CAÇADOR É COM OS MEEIROS

Os principais componentes do custo da tomaticultura de grande escala em Caçador são os insumos, sementes e mão de obra. Porém, para a grande escala de produção, o peso desses itens somados é maior: cerca de 70% do Custo Operacional (CO) e 62% do Custo Total (CT).

Também nesta escala de produção, entre os insumos, fertilizantes e corretivos representam metade dos gastos desse grupo e 14,8% do Custo Total. Os defensivos representam 9,2% do Custo Total e, as sementes, 5,1%.

A contratação da mão de obra feita pelos grandes produtores difere um pouco da demandada pelos pequenos na região de Caçador. Não há diaristas e todos os funcionários são registrados. O maior desembolso é com os meeiros, funcionários contratados por seis meses, durante o ciclo da cultura do tomate. Além do salário, estimado na média de R\$ 900,00 por mês, eles recebem bônus de R\$ 1,10/cx colhida. Os meeiros são divididos por área, e o bônus para cada grupo se dá em função da produtividade da área pela qual ficaram responsáveis. Em média, são contratados dois meeiros por hectare, o que resulta em aproximadamente 55 funcionários para a área total da fazenda de 27,27 hectares. Além dos meeiros ainda são contratados dois tratoristas com salário de R\$ 1.200,00 mensais (incluídas todas as despesas trabalhistas), pelo período de seis meses. Há ainda dois funcionários permanentes na propriedade que não são demitidos ao final do ciclo da cultura. O gasto com cada um desses funcionários é de R\$ 1.000,00 por mês, já incluídos os encargos trabalhistas.

Retomando-se as similaridades com a pequena escala, a maior parte das despesas gerais na grande escala também decorre de gastos com o *pró-labore* e o seguro da lavoura. No caso da grande escala, apesar de o *pró-labore* por hectare ser menor que na pequena escala, a retirada total mensal do produtor é bem maior, pois há uma área bastante maior para o rateio desse valor. O consenso entre os produtores de grande escala foi de uma retirada mensal de R\$ 7.000,00. Apesar de a grande escala de produção ter mais veículos e pagar seguro dos utilitários (os pequenos o dispensam), os custos com os utilitários por hectare foi menor para esse grupo por

conta da maior área cultivada.

Quanto ao custo do capital de giro, o valor por hectare foi semelhante ao verificado na pequena escala. Apesar disso, o produtor de grande escala é menos dependente de fontes externas de financiamento. Mais da metade do seu capital de giro é custeado com dinheiro próprio, inclusive para adquirir os fertilizantes. O restante é captado igualmente entre revendas e custeio do governo. Levando-se em conta essa três fontes, o custo do capital de giro representou 3,8% do Custo Total.

As despesas gerais são o terceiro item de maior representatividade na planilha, mas têm menor peso frente à pequena escala, representando 11,25% dos Custos Totais. O seguro da lavoura de tomate e o *pró-labore* do produtor são os gastos mais representativos para o cálculo das despesas gerais.

O CARP da grande escala, embora menor que o da pequena, foi elevado, representando 10% do Custo Total. Apesar de haver mais itens no inventário da propriedade de grande escala, a maior área cultivada com tomate dilui melhor os custos fixos (despesas com depreciações). As depreciações (o CARP) são também para esse grupo o quarto item do Custo Total, porém, representam menos que na planilha da pequena escala (12,7%), limitando-se a 10% do Custo Total.

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção da grande escala de produção (%) de Caçador (SC) - safra de verão 2010/11



Mais tempo aberto para a produtividade.



Ranman: produto registrado sob marca

- Fungicida sistêmico eficiente até em períodos chuvosos
- Age por dentro e por fora de maneira uniforme
- O parceiro perfeito quando aplicado com Ranman
- Eficaz no controle da requeima

SE O TEMPO VAI FECHAR, VÁ DE GALBEN M.



ATENÇÃO



Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

fmcagricola.com.br

FMC

Fazendo Mais pelo Campo

“PRODUÇÃO INTEGRADA PODE REDUZIR OS CUSTOS E AMPLIAR A LUCRATIVIDADE FRENTE AO SISTEMA CONVENCIONAL”



Com o apoio da Epagri (Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina), a Equipe Custos da Hortifruti Brasil/Cepea conseguiu apurar o custo da região de Caçador (SC), apresentado nesta edição. O estudo também contou com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC). Neste Fórum, os pesquisadores da Epagri fazem suas considerações a respeito da sustentabilidade econômica dos produtores de tomate da região.

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI/SC)

Equipe de pesquisadores na área de olericultura da Epagri/Estação Experimental de Caçador (SC). Da direita para a esquerda: Walter Ferreira Becker, doutor em Fitopatologia; Siegfried Mueller, doutor em Fitotecnia; Anderson Luiz Feltrim, mestre em Produção Vegetal; Janice Valmorbida, doutora em Agronomia; Atsuo Suzuki (em pé), mestre em Solos e Nutrição de Plantas.

Hortifruti Brasil: Na safra anterior (2010/11), mesmo com bons preços, a margem de lucro por caixa de tomate apurada pela Hortifruti Brasil foi de apenas 4,2% na pequena escala, enquanto o grande produtor teve margem melhor, de 27%. Como está o nível de capitalização do pequeno produtor de tomate em Caçador (SC)?

Epagri/SC: Acreditamos que alguns pontos favorecem o pequeno produtor de tomate a se manter na atividade. Um dos principais é a diversificação da produção, o que garante que, em anos ruins com a tomaticultura, ele sobreviva com a renda de outras atividades. O menor gasto com mão de obra para o pequeno, que é um dos componentes de maior peso no custo, também minimiza os gastos com salários, já que o pequeno produtor dispõe da família para ajudar na atividade. O fato desse produtor também não ter um controle eficiente dos seus custos de produção, não incorporando na sua análise de lucratividade os custos fixos, também auxilia a mascarar anos de baixo desempenho econômico da atividade, que faz com que ele continue plantando tomate.

HF Brasil: Observamos em nosso estudo que o grande produtor obtém produtividade maior que o pequeno, mas, ainda assim, ele também tem enfrentado dificuldades na produção do tomate. Como está a sustentabilidade econômica do grande produtor na região?

Epagri/SC: O grande proprietário consegue rotacionar mais as áreas de plantio do tomate, enquanto o pequeno acaba cultivando na mesma área, assim fica mais suscetível a doenças de solo, que comprometem a produtividade. Outro fator que favorece o grande é dispor de um número maior de funcionários, o que facilita a distribuição das atividades de manejo da cultura em relação ao pequeno produtor. Outro ponto favorável é que os grandes produtores têm um canal de comercialização mais seguro, garantindo o escoamento

da sua produção mesmo em anos ruins. Já os pequenos são dependentes dos atravessadores para comercializar sua safra, o que reduz muito o seu poder de barganha, especialmente em anos de oferta elevada.

HF Brasil: Os resultados obtidos pela equipe Hortifruti/Cepea sobre o custo de produção do pequeno e do grande produtor em Caçador para a temporada 2010/11 correspondem à realidade que os senhores conhecem da região?

Epagri/SC: O estudo dá uma visão da realidade da região, mas precisa ser ampliado para mais anos e para um grupo maior de produtores, que deverão ser validados in loco. Os produtores tradicionais, grandes ou pequenos, tendem a se manter na atividade mesmo em anos ruins. O pequeno proprietário diminui a área de plantio na safra seguinte a anos de baixa rentabilidade, devido à descapitalização sofrida, postura distinta da dos “aventureiros”, que aproveitam os anos bons, mas não permanecem na cultura após anos ruins.

HF Brasil: Há mais algum aspecto que deseja abordar sobre a produção de tomate em Caçador?

Epagri/SC: Novas tecnologias de produção deverão ser incorporadas ao processo produtivo do tomate na região e devem garantir mais sustentabilidade ao produtor. A experiência do Sistema de Produção Integrada de Tomate de mesa (SISPIT) tem comprovado a diminuição dos custos e proporcionado melhor rentabilidade do que a obtida com a produção convencional de tomate. Esse novo sistema pode ampliar a demanda pelo consumidor, já que oferece um produto mais seguro ao mesmo tempo em que contém um melhor apelo ambiental, por conta das boas práticas de produção. Falta uma política agrícola que permita aos pequenos e grandes proprietários maior confiança quanto à determinação das áreas de plantio e dos investimentos.

“NÃO PODEMOS NOS ESQUECER DAS REGRAS BÁSICAS DA AGRONOMIA”



André Hokari é engenheiro agrônomo, formado pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), de Minas Gerais. É responsável pelo setor de produção, de compras de insumos e de rastreabilidade da empresa Tomates Mallmann.

ENTREVISTA: André Hokari

Hortifruti Brasil: Em comparação com a região de Caçador (SC), tanto a pequena escala de produção quanto a grande tiveram os custos por hectare inferiores aos de Mogi Guaçu (SP). A que se atribui tal resultado?

André Hokari: Os custos se diferem devido às condições climáticas de cada região. Em Mogi Guaçu, planta-se no final do verão e no outono e a colheita estende-se durante todo o inverno, o que prolonga o ciclo da cultura e eleva o custo com insumos. O cultivo de outras hortaliças durante todo o ano aumenta a presença de pragas na cultura do tomate, aumentando os gastos com inseticidas. Já em Caçador, o plantio inicia-se no final da primavera e início do verão, quando normalmente as chuvas são menos intensas na região, requerendo menos insumos para o controle de doenças. No Sul, o frio rigoroso após o término da safra faz a população de pragas reduzir drasticamente, baixando a incidência na temporada seguinte.

HF Brasil: Há como reduzir os gastos com insumos (fertilizantes e defensivos)? O que deve ser feito? Um melhor manejo diminuiria os dispêndios?

Hokari: Nem sempre o produtor vai conseguir reduzir os gastos com insumos, dependerá muito das condições cli-

máticas e da região onde vai ser implantada a lavoura. O que o produtor precisa buscar é uma maior eficiência na utilização dos insumos através de um planejamento nutricional adequado (análises de solos para a correta calagem e adubação) e uso racional da aplicação dos defensivos, baseando-se no levantamento da população de pragas (Manejo Ecológico de Pragas) e na prevenção de doenças de acordo com a previsão climática. A compra dos insumos na melhor condição comercial oferecida pelo mercado também pode ajudar a reduzir os custos com insumos.

HF Brasil: O senhor acredita que faltam pesquisas para melhorar o desempenho da cultura em Mogi Guaçu ou apenas realizar manejo obedecendo às regras básicas da agronomia já seria suficiente elevar a eficiência técnica na cultura?

Hokari: Há pesquisas técnico-comerciais por parte das empresas de sementes, fertilizantes e defensivos que buscam posicionar seus produtos para uma melhor performance e, assim, aumentar a relação custo-benefício ao produtor. Mas, para que a aplicação das pesquisas repercuta em bons resultados no campo, não podemos nos esquecer das regras básicas da agronomia.



MAIS PROTEÇÃO PARA SUA CULTURA!

- ✔ Proteção através da nutrição;
- ✔ Ativa de maneira natural o mecanismo de defesa das plantas;
- ✔ Atua na matéria orgânica e promove o equilíbrio do meio naturalmente.

Altech[®]
CROP SCIENCE 
WWW.ALLTECHCROPSCIENCE.COM.BR

IMPROCROP[®]

CUSTO DE PRODUÇÃO EM MOGI GUAÇU (SP): PROPRIEDADE DE MÉDIA ESCALA

Pelo quarto ano consecutivo, a equipe Tomate/Cepea se reúne com produtores e técnicos da região de Mogi Guaçu para apurar os custos de produção de tomate de mesa na safra de inverno de 2011. Esse encontro ocorreu no dia 17 de maio de 2012. A estrutura da propriedade típica da região se mantém praticamente igual à de 2010. O perfil mais comum continua sendo de 15 hectares, mas o calendário de colheita foi adiantando em um mês. Normalmente, a colheita começa em maio e termina em outubro, mas, em 2011, teve início em abril, mês em que foi colhida cerca de 4% da área cultivada na região. Com o clima mais seco na época do plantio, os produtores decidiram adiantar um pouco as atividades na intenção de escalonar a oferta.

Embora boa parte da produção esteja em terras próprias, o cultivo em arrendamento continua representando pelo menos metade da área cultivada. O valor pago pela terra se manteve praticamente estável em comparação com 2010, a R\$ 1.528,92 por hectare em 2011.

O custo de implantação da estrutura teve um ligeiro

reajuste de 3,4% de 2010 para 2011, indo para R\$ 6.205,17 por hectare – vida útil de três safras ou três anos (no caso de uma safra por ano).

A infraestrutura manteve-se igual à do ano anterior, sendo composta por um barracão (desmontável) com vida útil de três anos, a um custo de aquisição de R\$ 8.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 20% de valor residual. O custo do refeitório (desmontável) foi de R\$ 4.000,00, com dois anos de vida útil, taxa de manutenção e valor residual de 25% e 10% ao ano, respectivamente. Há também dois banheiros no valor de R\$ 1.000,00 cada um, com vida útil de aproximadamente dois anos, sem valor residual.

Para a colheita, foram necessárias 2.000 caixas – assim como em 2010 –, para uma fazenda de 15 hectares. O custo unitário da caixa se manteve em R\$ 11,00, com taxa média de reposição passando de 18% para 25%.

O sistema de irrigação mais comum na região passou a ser por motor elétrico, e não mais a diesel. Quanto ao inventário de máquinas e implementos, alguns itens foram alterados e estão descrito a seguir.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE MOGI GUAÇU - SAFRA 2011

Área	15 hectares
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2011	4.000 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendamento
Estrutura básica (desmontável)	2 banheiros, 1 refeitório e 1 barracão para seleção de tomates
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação	Sulco

Descrição das máquinas, implementos e ferramentas*

- 3 tratores com as respectivas potências: 65, 75 e 100 cv
- 1 arado de 3 discos e 28 polegadas
- 1 grade aradora de 16 discos de 28 polegadas
- 1 distribuidor de calcário de cinco toneladas
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 grade niveladora de 32 discos
- 1 sulcador de duas linhas
- 1 plaina
- 1 pulverizador de 2 mil litros
- 2 carretas de 5 toneladas cada
- 1 tanque de 2 mil litros
- 2 mil metros de mangueira
- 1 veículo utilitário
- 1 ônibus
- estrutura de irrigação (motobomba + canos)
- 9 pulverizadores costais
- 30 enxadas
- 12 cavadeiras

*Alocados exclusivamente para a cultura do tomate

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE MOGI GUAÇU (SP) SAFRAS DE INVERNO 2010 E 2011

Itens	2010		2011		Var% (ha) (2011 sobre 2010)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	R\$ 17.782,42	R\$ 1,62	R\$ 19.228,03	R\$ 1,75	8,13%
Fertilizante/Corretivo	R\$ 8.506,10	R\$ 0,77	R\$ 9.996,60	R\$ 0,91	17,52%
Adubação Foliar	R\$ 1.056,27	R\$ 0,10	R\$ 1.169,98	R\$ 0,11	10,77%
Fungicida/Bactericida	R\$ 3.410,78	R\$ 0,31	R\$ 3.413,34	R\$ 0,31	0,08%
Inseticida	R\$ 4.242,51	R\$ 0,39	R\$ 3.794,52	R\$ 0,34	-10,56%
Herbicida	R\$ 117,53	R\$ 0,01	R\$ 169,82	R\$ 0,02	44,49%
Adjuvante/Outros	R\$ 449,23	R\$ 0,04	R\$ 683,78	R\$ 0,06	52,21%
(B) Semente	R\$ 3.456,42	R\$ 0,31	R\$ 3.456,42	R\$ 0,31	0,00%
(C) Viverista	R\$ 400,00	R\$ 0,04	R\$ 400,00	R\$ 0,04	0,00%
(D) Replântio	R\$ 385,64	R\$ 0,04	R\$ 385,64	R\$ 0,04	0,00%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	R\$ 1.928,48	R\$ 0,18	R\$ 1.930,85	R\$ 0,18	0,12%
(F) Ferramentas de campo	R\$ 93,00	R\$ 0,01	R\$ 64,80	R\$ 0,01	-30,32%
(G) Operações Mecânicas	R\$ 2.462,93	R\$ 0,22	R\$ 2.482,95	R\$ 0,23	0,81%
(H) Irrigação	R\$ 2.579,62	R\$ 0,23	R\$ 2.066,67	R\$ 0,19	-19,88%
(I) Mão de obra	R\$ 11.918,26	R\$ 1,08	R\$ 13.149,77	R\$ 1,20	10,33%
Meeiros (temporários)	R\$ 8.517,91	R\$ 0,77	R\$ 9.749,42	R\$ 0,89	14,46%
Diaristas	R\$ 1.847,28	R\$ 0,17	R\$ 1.847,28	R\$ 0,17	0,00%
Permanentes	R\$ 1.553,07	R\$ 0,14	R\$ 1.553,07	R\$ 0,14	0,00%
(J) Despesa com utilitários	R\$ 419,33	R\$ 0,04	R\$ 472,53	R\$ 0,04	12,69%
(K) Despesas gerais	R\$ 5.727,33	R\$ 0,52	R\$ 5.626,67	R\$ 0,51	-1,76%
(L) Impostos	R\$ 1.882,86	R\$ 0,17	R\$ 2.298,38	R\$ 0,21	22,07%
(M) Arrendamento da Terra	R\$ 1.500,00	R\$ 0,14	R\$ 1.598,22	R\$ 0,15	6,55%
(N) Financiamento do Capital de Giro	R\$ 3.491,98	R\$ 0,32	R\$ 2.366,30	R\$ 0,22	-32,24%
Custo Operacional (A+ B+...+N)	R\$ 54.028,27	R\$ 4,91	R\$ 55.527,23	R\$ 5,05	2,77%
(O) CARP	R\$ 5.822,05	R\$ 0,53	R\$ 6.162,97	R\$ 0,56	-3,22%
Implantação	R\$ 2.210,39	R\$ 0,20	R\$ 2.281,96	R\$ 0,21	-1,40%
Máquinas	R\$ 1.603,22	R\$ 0,15	R\$ 1.603,22	R\$ 0,15	-11,50%
Utilitários	R\$ 545,09	R\$ 0,05	R\$ 589,98	R\$ 0,05	-4,21%
Implementos	R\$ 601,51	R\$ 0,05	R\$ 697,72	R\$ 0,06	2,11%
Equipamentos (Irrigação)	R\$ 513,03	R\$ 0,05	R\$ 641,28	R\$ 0,06	10,62%
Benfeitorias	R\$ 348,81	R\$ 0,03	R\$ 348,81	R\$ 0,03	-3,98%
CUSTO TOTAL (A+ B+...+O)	R\$ 59.830,32	R\$ 5,44	R\$ 61.690,20	R\$ 5,61	2,14%
Custo Total 2010 (4.000 cxs/ha) - R\$ 14,96/cx de 23 kg					
Custo Total 2011 (4.000 cxs/ha) - R\$ 15,30/cx de 23 kg					

MÃO DE OBRA TAMBÉM ENCARECE A PRODUÇÃO DA PROPRIEDADE DE MÉDIA ESCALA EM MOGI GUAÇU (SP)

Em 2011, o custo total de produção por hectare esteve 2,14% maior que no ano anterior. Apesar de alguns dos componentes terem ficado mais baratos, como os inseticidas, outros apresentaram alta, como a mão de obra e os fertilizantes. A correção da taxa de juros do Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP), que passou de 6% para 3,5%, é um fator que atenuou a tendência de aumento dos custos. A taxa de 3,5% reflete a taxa real de juros da poupança, já descontada a inflação.

A produtividade tem sido elevada na região, aproximando-se da potencial, com 4.000 caixas na safra de inverno. Esse resultado se deve ao clima mais seco durante o plantio, desenvolvimento e colheita nos últimos dois anos. Vale lembrar que, como a cultura é irrigada, a falta de chuvas não afeta o desenvolvimento da planta.

Entre os fatores que mais pesaram para a elevação dos custos, o destaque é a mão de obra. O aumento do salário mínimo e a menor disponibilidade de trabalhadores para a agricultura na região (competição com a construção civil) foram os responsáveis pelo aumento. O reajuste ocorreu principalmente para a mão de obra temporária, contratada para o período da produção, como é caso dos meeiros. Ainda chamados dessa forma, os meeiros são atualmente funcionários

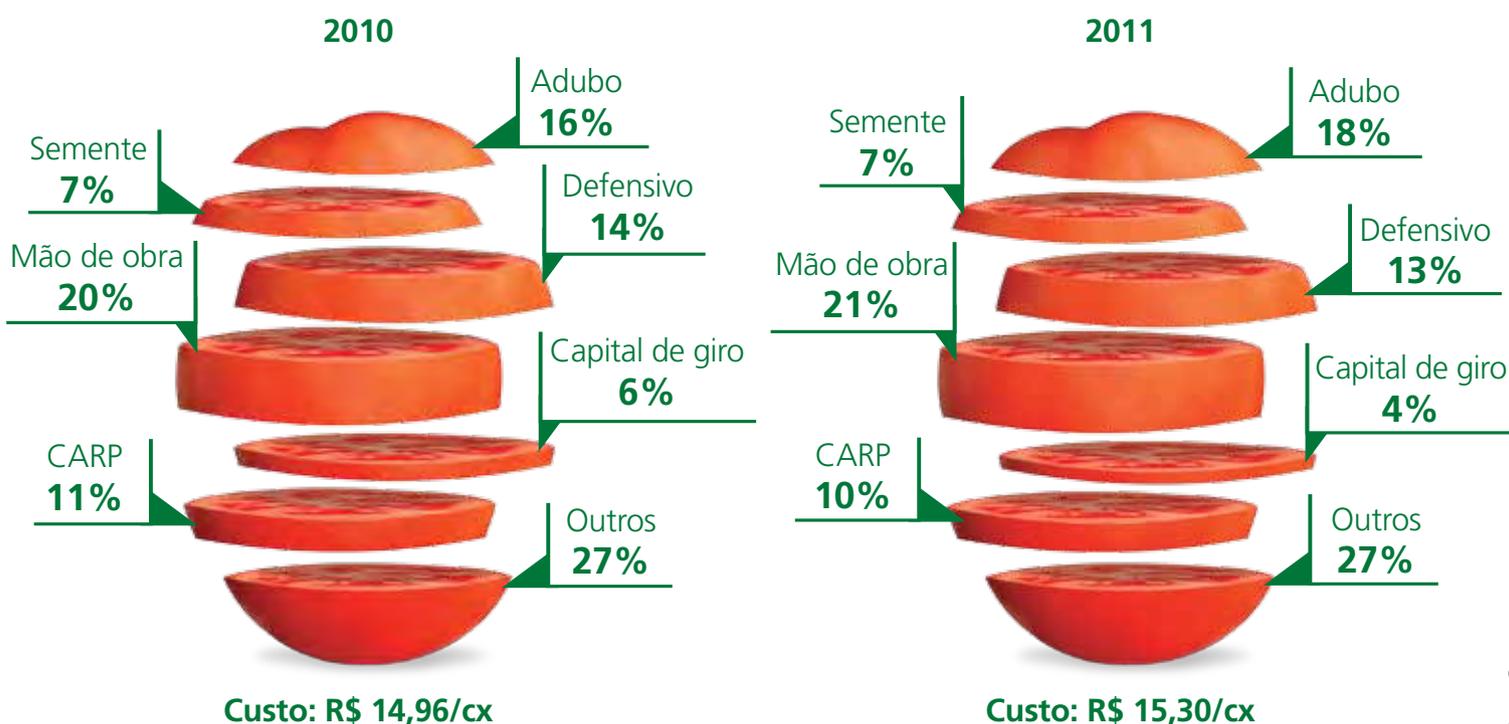
contratados no período de produção e que recebem ainda participação na venda do tomate. Neste estudo, no entanto, não foi considerada a gratificação, somente o salário. O adicional na região normalmente é de 3% sobre a receita líquida de venda da produção ou de 1% sobre a receita bruta, dependendo do acordo do produtor com esses funcionários. No caso dos diaristas e dos funcionários fixos, o dispêndio se manteve estável em comparação 2010.

Os gastos com irrigação, por sua vez, apresentaram queda de quase 20%, devido à troca da bomba a diesel por bomba elétrica. Além do custo com a energia elétrica ser menor, a manutenção também é menos onerosa.

O gasto com taxas e impostos se refere ao Funrural, que é a contribuição que incide sobre a venda da produção. No caso da região de Mogi Guaçu, é o produtor quem paga essa contribuição e, portanto, do preço recebido pelo tomate, ainda devem ser descontados 2,3%. Como em 2011 os preços de venda foram maiores que em 2010, houve uma alta de 22% nos gastos com esse tributo.

Os juros, por outro lado, ficaram 32% mais baratos. Um dos principais motivos é que o governo aumentou o limite do valor de custeio. Assim, os produtores adquiram adubos a um custo menor de financiamento do que a juros de revenda. ■

Distribuição dos principais itens que compõem o Custo Total de Produção (%) de Mogi Guaçu (SP) - safras de inverno 2010 e 2011



ACABA DE NASCER O BRASILEIRO QUE VAI TRAZER
MUITO ORGULHO AO CAMPO. ASSIM COMO VOCÊ.

Natália

O TOMATE COM DNA BRASILEIRO

O tomate Natália é uma inovação da Sakata, desenvolvido no Brasil especificamente para as nossas condições.

Isso quer dizer que se adapta a diversos climas e regiões e pode ser plantado o ano todo.*

Para conseguir tal inovação, a Sakata dedicou anos de estudos e pesquisas para criar um fruto mais forte, resistente e de alta produtividade. Afinal, ele tem DNA brasileiro.

* Para mais informações consulte a Sakata.



EXCELENTE
DESEMPENHO
EM PERÍODOS
CHUVOSOS



RESISTENTE A
NEMATOIDE E
BACTERIOSE



EXCELENTE
PEGAMENTO E
QUALIDADE
DOS FRUTOS

www.sakata.com.br
A sua janela para o campo



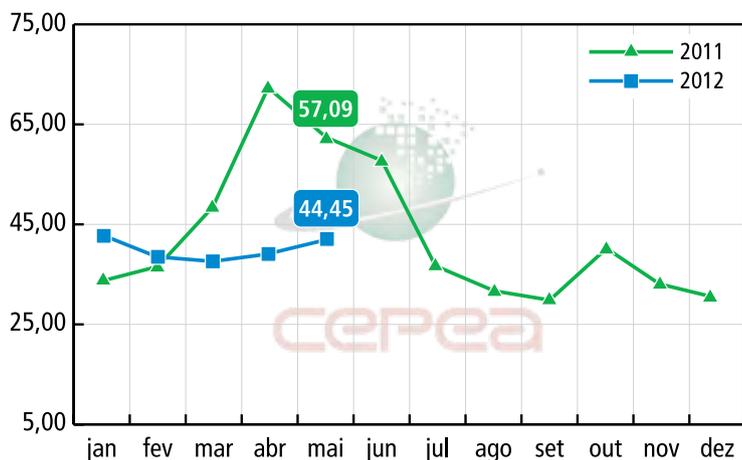
SAKATA®



Metade da safra das secas será colhida em junho

Temporada das secas entra em pico em junho

A colheita da safra das secas de 2012 entra no pico em junho. As regiões que estarão em plena atividade são o Sudoeste Paulista, Sul de Minas Gerais e as praças paranaenses de Curitiba, São Mateus do Sul, Ponta Grossa e Irati. Estima-se que 52% da área total cultivada na temporada seja ofertada em junho, o que representa 8,171 mil hectares de batata. A colheita no Sudoeste Paulista foi iniciada no final de maio, com quebra de 10% na produtividade, devido à alta incidência de mosca branca e lagarta-medepalmo. Essa infestação ocorreu principalmente em fevereiro, por conta das elevadas temperaturas e do tempo seco. Já para junho e julho, a expectativa é de que a produtividade volte ao potencial na região paulista, de 30 t/ha. No Sul de Minas Gerais, a infestação de *Diabrotica Speciosa*, conhecida como larva-alfinete, tem causado danos às lavouras. As perfurações causadas pela larva do inseto no tubérculo estão aumentando o descarte de batata nas processadoras, diminuindo, assim, a rentabilidade do produtor mineiro. No Paraná, o clima seco entre fevereiro e abril resultou em diminuição de 10% na produtividade das lavouras de Curitiba e de São Mateus do Sul. Já em Irati e em Ponta Grossa, e os batatais são irrigados. Dessa forma, espera-se produtividade próxima ao potencial em ambas as regiões, de 30 t/ha.



PR adianta safra das secas e limita avanço do preço

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

Mais de 60% da safra de inverno já foi plantada

Até o final de maio, 63% da área total da safra de inverno (que deve ser colhida de julho a novembro) havia sido plantada, o que equivale a 17,5 mil hectares. As regiões que plantaram até maio foram: Vargem Grande do Sul (SP), Sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba. Já o Sudoeste Paulista deve iniciar o cultivo da temporada de inverno apenas no final de julho. A área total nesta safra deve ser 1% maior frente à da temporada passada. Entre agosto e outubro, a oferta deve ser maior em relação à do mesmo período do ano passado, visto que Vargem Grande do Sul, que concentra a colheita nesses meses, aumentou a área em cerca de 10%. Já a área de Cristalina (GO) deve ter queda de 13%, mas essa região tem calendário de oferta mais escalonado. O menor volume de chuva, de modo geral, não tem sido um entrave para as atividades de plantio e para o desenvolvimento das lavouras, uma vez que, nesse período, toda a área da safra de inverno é irrigada.



Área em Brasília/Cristalina será menor neste ano

A safra de batata na região de Brasília (DF)/Cristalina (GO) foi iniciada em maio, com a colheita de 5% da área total. Os trabalhos devem ser intensificados em junho, quando 16% da área deve ser colhida. Neste ano, foram plantados 5.220 mil hectares, área 13% inferior à cultivada no ano passado. Essa redução no plantio está atrelada aos baixos preços obtidos ao longo de 2011, que acabou desestimulando produtores a aumentar os investimentos na cultura. Além disso, a elevada incidência de mosca branca, devido ao clima seco, reduziu a produtividade na região. Neste início de temporada, foi observada quebra de cerca de 15% na produtividade em comparação com o potencial da região, que é de 37 t/ha.

VISITE A HORTIFRUTI BRASIL NA HORTITEC

Estande 38 Setor Azul

20 a 22 de junho Holambra/SP

Informações: (11) 3429.8808

Kasumin você conhece, é o bactericida que cicatriza!

Kasumin é um antibiótico de ação preventiva e curativa que interrompe e cicatriza o dano da planta logo após a aplicação.

- ▶ **DUPLA AÇÃO:** Bactericida e Fungicida com registro exclusivo agrícola.
- ▶ **AÇÃO SISTÊMICA:** Rápida absorção, excelente em épocas chuvosas. Residual prolongado.
- ▶ **ORIGEM BIOLÓGICA:** Extraído de *Streptomyces kasugaensis*.
- ▶ Excelente opção na rotação com outros produtos.

Kasumin

O bactericida que cicatriza.

*Consulte o representante Arysta LifeScience da sua região.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



Arysta LifeScience

www.arystalifescience.com.br



Com preços em alta, início da colheita é antecipado em São José de Ubá

Preços atingem os maiores patamares do ano

Em maio, os preços do tomate atingiram os maiores patamares deste ano. As temperaturas mais baixas nas regiões produtoras atrasaram a maturação dos frutos, principalmente na primeira quinzena de maio, diminuindo a oferta no mês. O tomate salada 2A negociado na Ceagesp (SP) teve média de R\$ 31,89/cx de 23 kg em maio, valor 64,5% superior ao de abril. Outras variedades de tomate que também registraram recordes de preço foram o santa cruz e o italiano. Em maio, a variedade santa cruz foi comercializada a R\$ 45,65/cx, aumento de 57% frente ao mês anterior e, o italiano, a R\$ 46,96/cx, 58% maior que o de abril. Vale ressaltar que o acúmulo de frutos ainda verdes no mercado limitou a valorização do tomate no correr do mês. Esses frutos foram colhidos mais cedo, na tentativa de produtores aproveitarem os elevados patamares de preços.

Colheita em São José de Ubá começa mais cedo

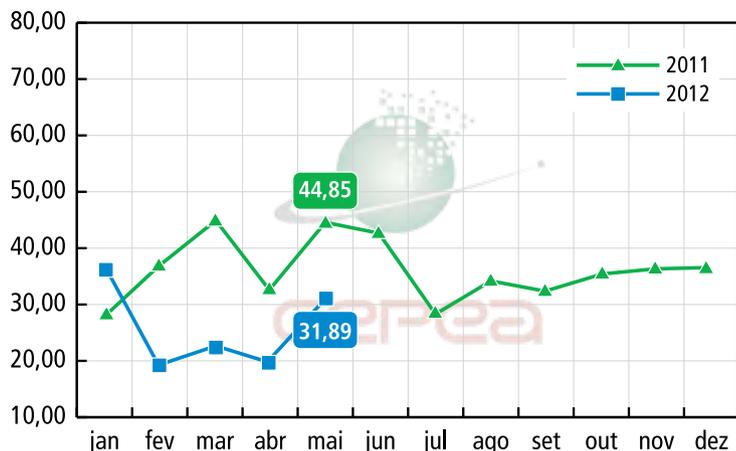
Produtores de São José de Ubá (RJ) anteciparam o início da colheita da safra de inverno em 15 dias, no intuito de aproveitar as elevadas cotações do tomate em maio. Nesta temporada de inverno, tomaticultores locais devem reduzir a área cultivada em 15,6%, passando para 3,8 milhões de pés. O desenvolvimento das lavouras, de modo geral, tem sido satisfatório. O elevado volume de chuva em maio até aumentou a incidência de bactérias,

como a murcha (*Ralstonia solanacearum*) e a mancha (*Xanthomonas campestris*), mas essas doenças já foram controladas. Em maio, a caixa de 23 kg do tomate salada negociada na região fluminense teve média de R\$ 18,81 - média ponderada pela quantidade colhida e pela classificação do fruto (1A ou 2A) -, valor 10,65% superior ao custo de produção estimado por produtores no período, de R\$ 17,00/cx. Apesar da redução nos investimentos em São José de Ubá, a área nacional de tomate da safra de inverno 2012 deve ser 7% maior que a de 2011, podendo resultar em maior volume de tomates e, conseqüentemente, em preços mais baixos. Nos próximos meses, as temperaturas devem ser mais baixas e, inclusive, inferiores às registradas no mesmo período de 2011 nas regiões Sul e Sudeste, segundo informações do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe). Caso essa previsão se confirme, tanto a maturação quanto a colheita de tomates podem ser mais controladas, armazenando os efeitos de maior área.



Crescem importações brasileiras de polpa

O volume de polpa e derivados de tomate importado pelo Brasil de janeiro a abril deste ano totalizou pouco mais de 14 mil toneladas, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Essa quantidade é 40% superior à do mesmo período de 2011, quando 10 mil toneladas foram adquiridas pelo Brasil. O preço da polpa, no entanto, tem se mantido semelhante ao do ano passado, na média de US\$ 0,93/kg. Isso se deve, principalmente, à recente alta do dólar frente ao Real, que atingiu a casa dos R\$ 2,00 na segunda quinzena de maio. A valorização do dólar, por sua vez, pode reduzir a quantidade importada pelo Brasil nos próximos meses. Além disso, a redução de 5,8% na oferta mundial de tomate industrial, indicada no relatório de abril do Conselho Mundial de Processadores de Tomate (WPTC, na sigla em inglês), pode alavancar os preços da polpa no mercado internacional e conter um incremento das importações brasileiras no segundo semestre do ano.



Preço melhora com redução na oferta

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea





SEU TOMATE TURBINADO,
DO PLANTIO À COLHEITA.

MELHOR QUALIDADE
Cantus

MELHOR CLASSIFICAÇÃO
DOS FRUTOS
Cabrio Top

Você pode mais. Sua lavoura pode mais.

0800 0192 500

www.agro.basf.com.br

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle de doenças/pragas/plantas infestantes (ex.: controle cultural, biológico etc) dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Para maiores informações referentes às recomendações de uso do produto e ao descarte correto de embalagens, leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo do produto. Produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob os seguintes números: Cantus® nº 7503 e Cabrio® Top nº 1303.

Sistema AgCelence Tomate



BASF
The Chemical Company



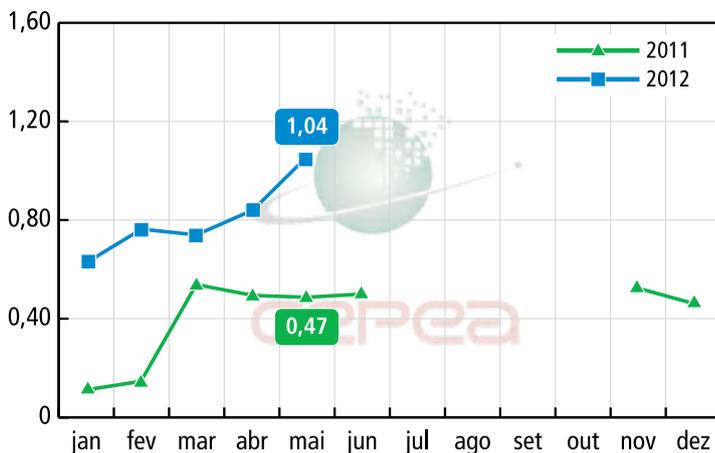
Começa a safra no Triângulo, Cristalina e Vale do São Francisco

Volume ofertado pelo Cerrado e Vale ainda é baixo em junho

Produtores de Cristalina (GO), Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Vale do São Francisco iniciaram a colheita de cebola da temporada de 2012 no final de maio. O volume ainda será baixo em junho, mas será intensificado em julho. No Vale, a área cultivada é igual à do ano passado, e a oferta seguirá bastante escalonada. O encerramento da temporada está previsto para outubro. No entanto, como o transplantio deve ser finalizado em julho, ainda há possibilidade de alteração na área, que, por sua vez, deve ser influenciada pelo comportamento do mercado nos próximos meses. Já no Cerrado, houve aumento de 5% na área do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba frente à temporada de 2011 e de 15% em Cristalina. O principal motivo desse aumento foi a entrada de "aventureiros" na cultura, atraídos pelos patamares de preços mais elevados nos últimos meses e pelas boas condições de cultivo da região. A exemplo do ocorrido no passado, em caso de baixas cotações ao longo da safra, produtores podem estocar a cebola, provocando um deslocamento no calendário de oferta. A expectativa é de que a comercialização nessas regiões seja finalizada em dezembro.

Área e semeio direto aumentam no Sul

Antes de Ituporanga (SC) finalizar a safra em maio, produtores de outras regiões do Sul do País já estavam iniciando os preparativos para a próxi-



Safra sulista chega ao final com preços elevados

Preços médios recebidos por produtores de Ituporanga (SC) pela cebola na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea

ma temporada de cebola. Em abril, por exemplo, já houve o cultivo das sementeiras, com o transplantio das mudas para os canteiros devendo ser iniciado ainda em junho. Em Ituporanga, cerca de 80% do cultivo deve ocorrer no sistema de transplantio, embora boa parte dos cebolicultores já aposte na semeadura direta. A mesma situação ocorre em São José do Norte (RS). Nessa região, a área deve crescer 3% frente à temporada anterior. Em Irati (PR) e em Lebon Régis (SC), a semeadura direta já está mais adaptada, compondo cerca de 90% do total cultivado em cada região. O plantio direto e o transplantio das mudas devem seguir até setembro nas regiões sulistas, com a colheita prevista para novembro. A expectativa de agentes é de maior volume da variedade bola precoce. No entanto, as condições climáticas nos próximos meses podem influenciar a decisão dos produtores quanto às variedades cultivadas e à variação da área. Por enquanto, a previsão é de nova ocorrência de *El Niño* no segundo semestre, fenômeno que deverá resultar em mais chuvas durante o plantio e desenvolvimento dos bulbos.



Com baixa oferta nacional, importação deve seguir alta em junho

A entrada de cebola da Argentina no mercado brasileiro ainda deverá ser significativa em junho. Isso porque o volume de cebola nacional está baixo, o que deve manter as cotações internas do produto em alta. Esse cenário pode seguir incentivando a importação da cebola da Argentina. Desde março, entretanto, caminhões argentinos têm demorado mais tempo para conseguir acesso ao Brasil. No mês passado, houve greve de fiscais argentinos na fronteira com o Brasil, o que acabou dificultando a travessia em alguns dias. Em maio, o preço médio dos bulbos argentinos na cidade de Porto Xavier (RS) foi de R\$ 25,87/sc de 20 kg de caixa 3, valor 50% superior ao de maio do ano passado. Já em julho, a possível maior oferta de bulbo no Cerrado, em São Paulo e no Vale do São Francisco deve limitar as importações de cebola argentina.

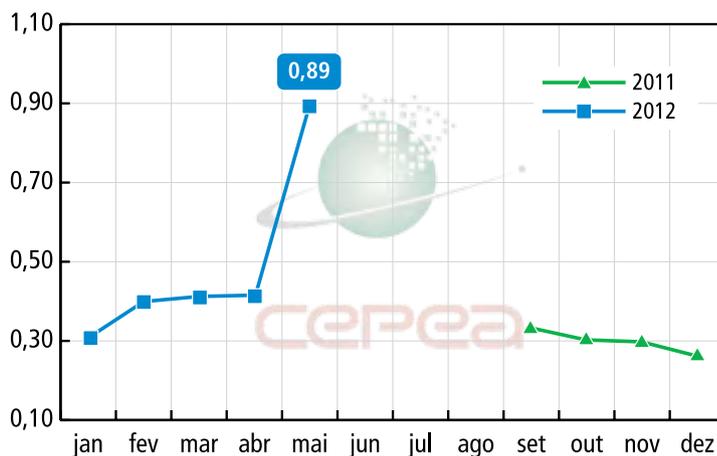




Preços da alface disparam em maio

Folhosas devem seguir valorizadas neste mês

O volume de folhosas disponível no mercado deve permanecer reduzido em junho, principalmente na primeira quinzena do mês. Dessa forma, a expectativa é de que as cotações da alface crespa, lisa e americana permaneçam em patamares elevados no período. Desde o início de maio, a oferta desses tipos de alface esteve baixa, o que vem resultando em valores significativamente elevados. O volume restrito de alface, por sua vez, é resultado da redução no plantio realizado entre março e abril e também da menor produtividade. O recuo na área plantada está atrelado aos baixos preços obtidos por produtores na safra de verão 2011/12, que desmotivaram maiores investimentos. Quanto à produtividade, esta foi prejudicada pelo clima úmido e por temperaturas amenas, que ocasionaram a incidência de bactéria e míldio em parte das lavouras. Segundo atacadistas, grande parte das folhosas ofertadas em maio apresentou tamanho reduzido, além de lesões nas folhas, ocasionadas, sobretudo por bactérias. Em maio, a caixa de 24 unidades de alface crespa foi comercializada na Ceagesp à média de R\$ 24,41, alta de 109% em comparação à de abril. A caixa de 24 unidades da alface lisa teve média de R\$ 20,10 e, a da americana, de R\$ 22,70/cx 18 unidades, 83% e 89% maiores, respectivamente, que as médias de abril.



Produtor se anima com bons preços e aumenta transplântio

O volume de folhosas transplantado em junho deve aumentar cerca de 20% nas regiões paulistas de Ibiúna e de Mogi das Cruzes. Em maio, a demanda por mudas de folhosas aumentou expressivamente, impulsionada principalmente pela alta nos valores. Segundo viveiristas, as novas mudas devem estar prontas para ir para o campo a partir da segunda quinzena de junho e início de julho. O período de formação da alface está em cerca de 60 dias após o transplântio, conforme indicam produtores. Dessa forma, o maior volume de folhosas transplantado entre junho e julho deve estar pronto para ser colhido em agosto e setembro.



Chuva aumenta incidência de doenças

As chuvas nas regiões de Ibiúna e Mogi das Cruzes (SP) em abril e maio elevaram a incidência de doenças, que causam lesões nas folhas. Esse cenário prejudicou a qualidade e reduziu a produtividade das lavouras, especialmente das colhidas em maio. Segundo a Somar Meteorologia, o volume de chuva acumulado nos dois últimos meses foi de 236 mm em Ibiúna e de 297 mm em Mogi das Cruzes. Além de problemas com bactérias, o clima também ocasionou o desenvolvimento de míldio nas lavouras de ambas as regiões paulistas. Contudo, como a maior parte dos produtores já cultiva variedades de alface que são resistentes ao fungo, a incidência de míldio não foi tão prejudicial quanto à da bactéria. Isso porque o míldio geralmente atinge as lavouras durante os meses de clima mais fresco do ano, quando há cerração e orvalho que possibilitam a germinação do fungo. Os sintomas manifestam-se na forma de manchas de coloração parda, além de frutificações do fungo de aspecto branco na parte inferior das áreas afetadas. Parte das lavouras que serão colhidas em junho também foram prejudicadas tanto por bactéria quanto por míldio e, portanto, também devem apresentar produtividade e qualidade baixas.

Baixa oferta impulsiona preço da alface

Preços médios de venda da alface crespa no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepea





Produtores do RS iniciam safra de inverno

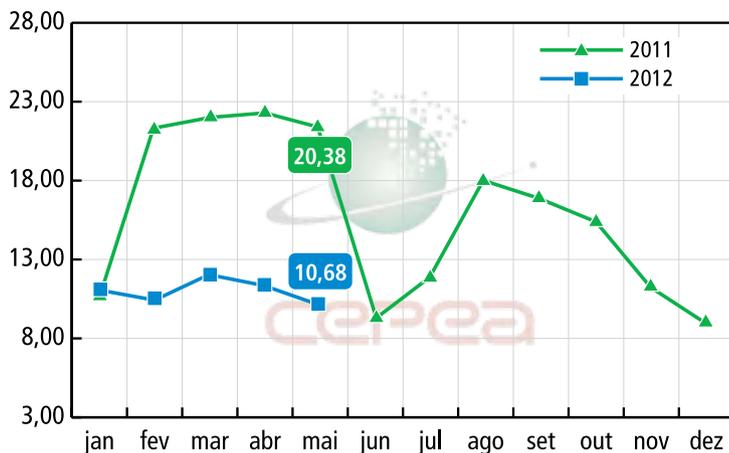
Colheita no RS começa no final de junho

A colheita de cenoura da safra de inverno de 2012 deve começar no final de junho na maioria das regiões produtoras de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria (RS). A temporada de inverno do Rio Grande do Sul tem maior duração em relação às demais acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, devido ao clima mais frio no estado. As lavouras dessa região também apresentam maior produtividade e cenouras de melhor qualidade. Para esta safra, ainda não há informações quanto à produtividade, mas alguns produtores consultados pelo Cepea indicam que devem colher maior volume frente ao ano passado. Na safra de inverno de 2011, a ocorrência de geadas prejudicou parte das lavouras gaúchas, e a produtividade média naquele ano foi de 63 t/ha. Quanto ao clima em 2012, em meados de maio, período de desenvolvimento da cenoura, houve forte queda de temperaturas no Sul do País, o que pode atrasar ainda mais o desenvolvimento da raiz dessas regiões. Dessa forma, até agosto, ainda haverá produtores iniciando a colheita de inverno – a temporada deve ser finalizada em março de 2013.



RS será a primeira praça a encerrar safra de verão

Produtores de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria (RS) devem terminar a colheita da safra de



Preço cai com aumento de oferta

Preço médio recebido por produtores de Caxias do Sul, Antônio Prado e Vacaria pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea

verão 2011/12 em junho, sendo, portanto, os primeiros a encerrar a temporada. O clima favorável ao desenvolvimento da planta desde fevereiro proporcionou boa qualidade e produtividade elevada das lavouras. Nesse cenário, a rentabilidade não vem sendo boa neste ano, ao contrário do verificado em 2011. Naquele ano, o plantio foi prejudicado pelas chuvas em março/11 e, a colheita, pelas geadas em julho/11, influenciando na qualidade e no tempo de maturação da raiz. Quanto ao preço em 2012, de março a maio, a média da caixa “suja” de 29 kg foi de R\$ 11,88, valor 27% menor que o do mesmo período da safra passada, mas 67% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos para a produção de uma caixa de cenoura, considerando-se produtividade média de 60 t/ha. As demais praças produtoras no verão devem encerrar a colheita entre julho e agosto.

Após forte redução no 1º semestre, área da BA também deve cair no 2º

A área plantada em Irecê e João Dourado (BA) foi reduzida em 70% no primeiro semestre. A safra da segunda metade do ano também deve ser menor. A forte estiagem prejudicou o desenvolvimento das plantas que estavam no campo e inviabilizou novos plantios chuvas de forma significativa não ocorrem desde outubro de 2011. Como resultado, a perspectiva é de que, no segundo semestre, a área reduza de 30 a 50% frente à do mesmo período de 2011. Com a redução, o volume de cenoura a ser ofertado pelas regiões baianas no segundo semestre não será suficiente para abastecer as praças consumidoras do Nordeste, como a própria Bahia. Assim, compradores devem continuar buscando mercadoria de outros estados, como Minas Gerais e Goiás. A baixa oferta de cenoura da Bahia, por sua vez, deve elevar os preços do produto no estado. É importante ressaltar que, caso volte a chover na Bahia nos próximos meses, a redução na área pode ser limitada. Produtores consultados pelo Cepea, no entanto, comentam que chuvas em maior volume na região ocorrem, geralmente, a partir de outubro.





Com contratos já fechados, produtores apostam em alta dos embarques

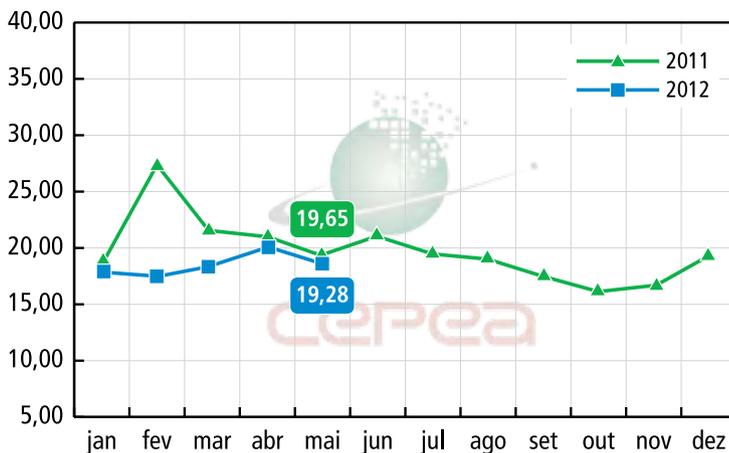
Produtores do Rio Grande do Norte/Ceará iniciaram o plantio do melão em abril e já se preparam para vender a fruta da safra 2012/13. Uma preocupação atual de produtores é quanto ao clima seco na região, visto que a falta de umidade pode dificultar o preparo do solo e resultar em gastos maiores com a irrigação. Contudo, com o clima seco, foi possível que alguns produtores adiantassem o cultivo em algumas semanas, a fim de disponibilizar a fruta para o mercado doméstico já no final de junho. Porém, o foco da região está na próxima temporada de exportações, que deve começar em agosto. Com os contratos de exportação já fechados, agentes afirmam que o volume embarcado deve aumentar. A demanda externa é considerada firme – apesar da crise econômica –, e exportadores brasileiros estão motivados com os embarques também pela valorização do dólar frente ao Real. Porém, agentes comentam que, neste ano, os custos no campo (mão de obra e insumos) e com os embarques (frete marítimo) podem aumentar de forma expressiva, limitando os ganhos do setor.

Exportações da safra 2012/13 do RN/CE podem aumentar



Frio retrai demanda e preços seguem abaixo dos de 2011

A demanda por melão no mercado brasileiro enfraqueceu em maio. Este cenário foi atribuído ao



clima mais frio nas regiões consumidoras do Sul e Sudeste. Com a chegada do inverno em 21 de junho, a procura pode registrar ritmo ainda mais lento nos próximos meses. As baixas temperaturas também desaceleraram o desenvolvimento das frutas no campo e, de modo geral, os melões colhidos no Vale do São Francisco em maio já tinham calibre pequeno, de menor valor comercial. Contudo, produtores vinham obtendo boa produtividade por conta do clima seco, de modo que a oferta do Vale está mais elevada neste ano frente a 2011. Assim, as cotações da fruta estavam, até o final de maio, abaixo das do ano passado. O Vale do São Francisco será a principal região a abastecer os mercados compradores do Sul e Sudeste até julho, quando o RN/CE volta a ofertar bons volumes de melão.

É tempo de melão nas regiões espanholas de Almeria e Múrcia

Na entressafra brasileira, a Espanha abastece a União Europeia, além de comercializar o melão no mercado local. A região de Almeria iniciou a colheita no final de abril, devendo encerrar em junho. Nesta época do ano, a principal preocupação é quanto à qualidade. São realizadas, inclusive, campanhas de conscientização junto a produtores para que o melão não seja colhido antes de atingir a maturação ideal. A baixa qualidade, resultante dessa prática, geraria problemas de demanda. Mesmo assim, a colheita antes do período ideal é comum na região, visto que, no primeiro mês de colheita (abril), são observados preços mais atrativos aos produtores. Já para junho, como normalmente ocorre, a expectativa é de queda nos preços com o aumento da oferta espanhola. Isso porque, coincidindo com o final da safra de Almeria, neste mês começa a ser colhido o melão de Múrcia, que abastece o bloco europeu até o início de julho. Em seguida, até setembro, a região de Castilla-La-Mancha segue ofertando a fruta, mas com foco principalmente na variedade pele-de-sapo para o mercado espanhol. Por enquanto, é cedo para determinar como estará o mercado de melão no bloco europeu em agosto, quando iniciam os embarques brasileiros.



Com menor procura em maio, preço recua

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp- R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea





Apesar da chegada da safra, produtor segue sem preços

Frutas vão amadurecendo, mas indústria permanece cautelosa

No estado de São Paulo, já é possível encontrar, neste mês de junho, frutos da temporada 2012/13 prontos para serem colhidos. No entanto, até o início do mês, a indústria processadora ainda não sinalizava preços para o fechamento de novos contratos. Esse cenário preocupava citricultores, que recebavam uma baixa da liquidez no mercado. A cautela da indústria é justificada pela possível redução da venda do suco de laranja no mercado internacional – para os EUA, devido ao fator *carbendazim*, e, para a Europa, pela crise econômica. Além disso, haveria também pouco espaço físico para armazenamento de suco. Nesse cenário, o setor produtivo defendia que um novo acordo coletivo de preços poderia minimizar a insegurança na safra que se inicia. No entanto, até o fechamento desta edição, nenhuma política pública ou referência de preço havia sido divulgada. Dessa forma, produtores destinavam as primeiras frutas colhidas basicamente para o mercado de mesa.

Setor atento ao preço internacional e ao clima na Flórida

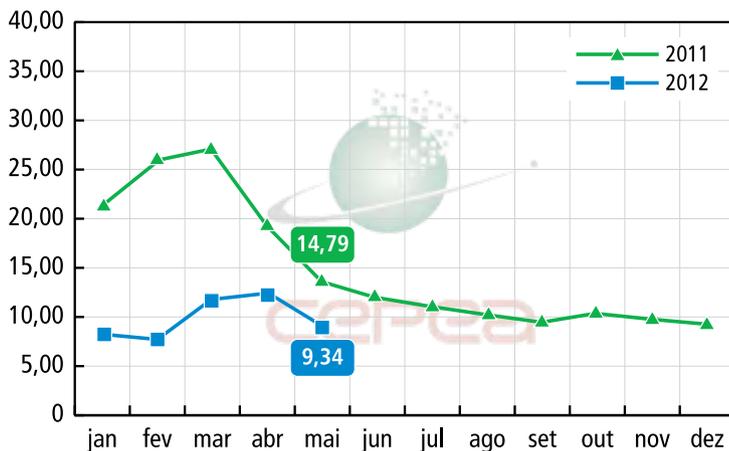
Restando menos de um mês para o término oficial da temporada 2011/12, agentes do setor estão ainda mais atentos às oscilações dos preços do suco de laranja concentrado e congelado (FCOJ) no cenário internacional. Além de a cotação do suco determinar o valor de participação dos contratos

fechados em 2011/12 com base na Linha Especial de Crédito (LEC), pode impactar também nas negociações da safra nova. Na parcial da temporada (julho/11 a maio/12), a média de todos os vencimentos dos contratos futuros do FCOJ negociado na Bolsa de Nova York é de US\$ 2.429/t, 4,7% acima do mesmo período da safra passada. Já a partir de junho, a temporada de furacões no Atlântico Norte pode influenciar nos preços futuros. Em maio, já ocorreram duas tempestades tropicais, nomeadas como Alberto e Beryl. Nenhuma delas, porém, atingiu a Flórida. Apesar do início precoce do fenômeno, a temporada 2012 de furacões pode ser mais amena no Atlântico Norte, segundo o Departamento de Ciências Atmosféricas da Universidade de Colorado. Vale lembrar que uma possível ocorrência de fenômenos climáticos na Flórida pode impactar na produção de laranja da safra norte-americana 2012/13, que deve ser iniciada em outubro.



Exportação de suco recua em abril, mas mantém firme no acumulado da safra

O ritmo dos embarques brasileiros de suco de laranja diminuiu em abril, em volume e em receita, em proporções acima do esperado por agentes. Para os Estados Unidos já era esperada uma paralisação dos embarques de suco concentrado e congelado (FCOJ), cenário que foi confirmado pelos dados divulgados pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Porém, houve retração nos envios até mesmo à União Europeia e para outros destinos que vinham adquirindo normalmente o produto brasileiro nesta temporada. Apesar da recente lentidão, as exportações brasileiras de suco de laranja para todos os destinos seguem firmes no acumulado da safra 2011/12. De julho/11 a abril/12, a receita com embarques de todos os tipos de suco ainda esteve 18% superior à do mesmo período da temporada 2010/11. Já em volume (equivalente concentrado), houve retração de apenas 3% na mesma comparação.



Preço da pera recua com força em maio

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore

Fonte: Cepeca



19ª HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas



**A peça chave
do seu negócio**



**20, 21 e 22
de junho de 2012**
de quarta a sexta-feira das 9 às 19 horas
Holambra - SP

**Paralelamente
Eventos de Capacitação**

Organização

RBB
PROMOÇÕES & EVENTOS

Eventos de Capacitação



Patrocínio



Apoio:



Passagens e Hospedagens



www.hortitec.com.br

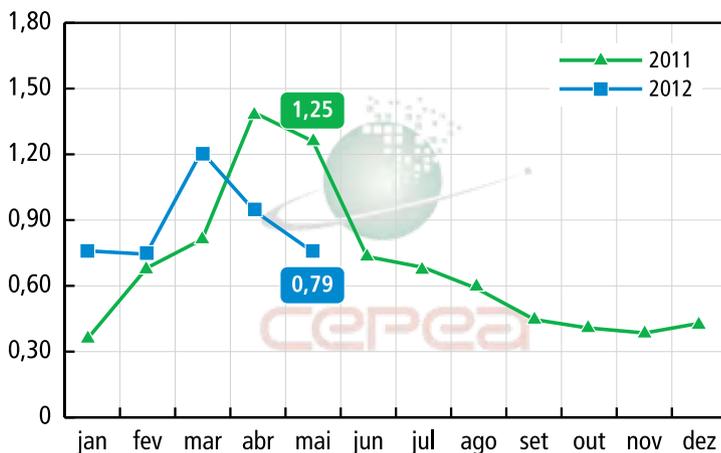
Local: Recinto da Expoflora | Al. Maurício de Nassau, 675 - Holambra - SP | Rod. Campinas-Mogi Mirim, km 140 | **Informações:** Tel/Fax: (19) 3802 4196 | E-mail: rbb@rbbeventos.com.br | Site: www.rbbeventos.com.br
Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802 2234 | flortec@flortec.com.br | Site: www.flortec.com.br



Preocupações com seca continuam na Bahia e em Minas Gerais

Chuvas na BA e em MG são insuficientes

Em maio, choveu em Livramento de Nossa Senhora (BA), mas o volume de precipitações foi considerado pouco expressivo – de 46,4 mm, segundo o Jornal do Tempo. A região enfrenta problemas de abastecimento de água desde o final de 2010, de modo que produtores baianos seguem atentos ao clima. De acordo com agentes, caso não chova o necessário para recuperar o nível dos reservatórios da Barragem Luiz Vieira (BA), pelo menos até setembro deste ano, o tempo permitido para o uso da água poderá diminuir ainda mais – atualmente, produtores podem irrigar a cultura por 24 horas semanais. Nos últimos meses, a falta de água na região tem prejudicado o desenvolvimento da fruta. Mesmo assim, produtores colhiam frutas que não haviam atingido a maturação ideal, principalmente nas semanas de preços mais elevados. A região de Jaíba/Janaúba (MG) também registrou precipitações aquém do ideal no mês passado. Com a seca intensa na região, a irrigação dos pomares de manga esteve limitada a poucos dias por semana. Vale lembrar que o bom desempenho da cultura nessas duas praças produtoras ainda depende do clima – o regime hídrico daqui para frente será determinante para a colheita do segundo semestre. Porém, de acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe), no trimestre de junho a agosto, a maior parte da região Nordeste pode continuar com estiagem.



Colheita perde ritmo no Norte de Minas

A oferta de manga em Jaíba/Janaúba (MG) deve diminuir em junho. A colheita da fruta, principalmente da variedade *palmer*, foi intensificada no início de abril, seguindo elevada em maio. No mês passado, a *palmer* teve desvalorização de 24,2% em relação a abril, por influência da maior disponibilidade da fruta nas principais praças produtoras e da retirada de manga ainda verde em Livramento de Nossa Senhora (BA). Em julho, o volume de manga pode voltar a aumentar no Norte de Minas, permanecendo elevado até setembro. As próximas induções florais da *palmer* devem começar em julho na região, com foco de colheita em março/abril de 2013.



Volume aumenta no Vale e favorece embarques

Produtores do Vale do São Francisco podem enviar mais manga ao mercado externo em junho, como uma alternativa para aumentar a rentabilidade. Isso porque a oferta deve aumentar na região, e os preços internos tendem a ser menos remuneradores. Além disso, a exportação também é favorecida conforme o dólar valorizar frente ao Real. Mangicultores nordestinos informaram que o pico de safra de manga deste ano deverá ocorrer entre agosto e setembro. Nesta época do ano, a Costa do Marfim também exporta manga à Europa, que é o principal destino da fruta brasileira no primeiro semestre. No entanto, as exportações do país africano não afetam de forma considerável as brasileiras, visto que o volume enviado é muito pequeno – estima-se que os embarques sejam de aproximadamente 10 mil toneladas nesta temporada (de abril a julho). Quanto ao mercado interno de manga, em junho, as regiões de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) continuam ofertando principalmente a variedade *tommy*. Em maio, as cotações de manga, de modo geral, caíram em relação a abril, resultado do maior volume colhido nas principais praças produtoras do Brasil.

Preço recua com aumento de oferta no Nordeste

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg



Fonte: Cepea

VISITE A HORTIFRUTI BRASIL NA HORTITEC
Estande 38 Setor Azul
 20 a 22 de junho Holambra/SP
 Informações: (19) 3429.8808



Nordeste colhe variedades sem semente

Em junho, produtores do Vale do São Francisco devem intensificar a colheita das variedades sem sementes *crimson*, *thompson* e *festival*. A expectativa para os próximos meses é de que a safra tenha boa qualidade e produtividade satisfatória (entre 25 e 30 t/ha), já que o clima seco e quente desde o início do ano tem sido favorável à produção do Vale. Como consequência da seca no Nordeste, a prática da irrigação tem sido mais intensa nos parreirais. Apesar disso, os custos de produção no Vale do São Francisco não têm se elevado, uma vez que houve menor gasto com defensivos – a estiagem na região reduziu o número de aplicações. Em maio, um pequeno volume da uva *festival* embalada foi disponibilizado no mercado, com a média mensal da variedade a R\$ 5,91/kg.

Aumenta a oferta de uva sem sementes do Vale do São Francisco



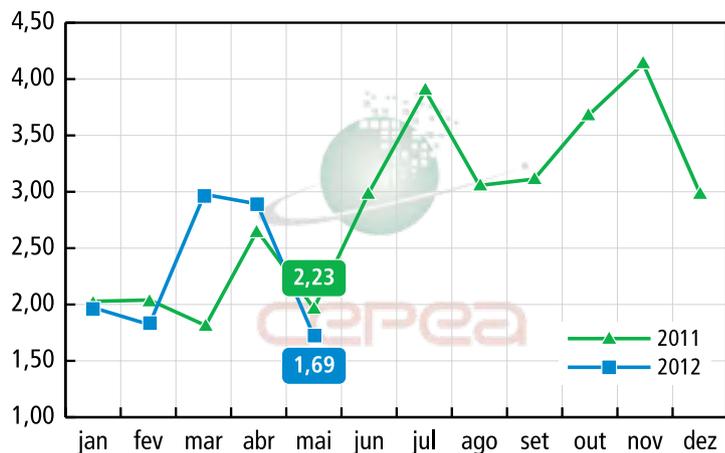
Importações crescem mesmo com barreira à uva argentina

Entre janeiro e abril deste ano, o Brasil importou 22,9 mil toneladas de uvas frescas, 14% a mais que nos quatro primeiros meses de 2011, de acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Do total adquirido em 2012, 61,8% foram provenientes do Chile e 37,6%, da Argentina. Somente em abril, as importações brasileiras de uvas frescas totalizaram 8,6 mil toneladas, aumento de 33% frente às de abril/11, devido à maior entrada

da uva chilena. Porém, as compras provenientes da Argentina caíram 31% no mesmo período. Isso porque o Ministério da Agricultura suspendeu as importações de uva daquele país desde o dia 20 de abril, em decorrência de uma praga quarentenária, denominada como ácaro *Brevipalpus chilensis*. Essa praga foi registrada em carga da fruta vinda da Argentina, e é inexistente no Brasil. Por enquanto, não há previsão do retorno das importações de uva daquele país. A retomada das importações dependerá de estudos sobre Análise de Risco de Praga, o que pode levar alguns meses. De qualquer forma, a suspensão não deverá causar forte influência positiva na comercialização doméstica neste momento, visto que o Chile aumentou os envios ao Brasil e que as compras de uva da Argentina são mais intensas nos três primeiros meses do ano. Em 2011, 24% das exportações argentinas tiveram como destino o Brasil, de acordo com dados da Aliceweb Mercosul, disponibilizados pela Secex.

Safra da Califórnia deve ser maior

A colheita de uvas de mesa da Califórnia (EUA) começou em maio. A expectativa é de que o estado norte-americano colha cerca de 101,6 milhões de caixas de 8,6 kg neste ano conforme dados da Comissão de Uvas de Mesa da Califórnia. Esse volume corresponde a um aumento de 3,7% em relação ao de 2011, quando foram ofertadas 98 milhões de caixas, e de 2,6% frente à quantidade de 2010. A Califórnia produz 99% das uvas frescas dos Estados Unidos e exporta para mais de 60 países. Os embarques de uvas frescas norte-americanas normalmente começam em junho e seguem até novembro. Quanto às vendas no próprio país, são ofertadas nos supermercados locais também as uvas mexicanas a partir do final de maio. Já os embarques brasileiros ao mercado norte-americano iniciam em setembro. Caso as exportações da Califórnia não aumentem e a oferta local seja elevada, os preços das uvas brasileiras vendidas nos EUA podem ficar abaixo do considerado ideal por produtores. Nesse cenário, agentes do setor deverão monitorar o mercado de uva norte-americana nos próximos meses.



Maior oferta reduz preço frente a 2011

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg



Fonte: Cepea





Produção de maçã de mesa é menor na safra 2011/12

Com colheita finalizada, recuo na produção é confirmado

Conforme esperado, o volume de maçã produzido na safra brasileira 2011/12 recuou 3% frente à anterior, devido a adversidades climáticas. O total produzido nesta safra foi de 1,2 milhão de toneladas, segundo dados preliminares da ABPM. Deste total, 727 mil toneladas são da variedade gala, que teve redução de 7% em relação à safra passada. Quanto à fuji, a produção foi de 412 mil toneladas, aumento de 5% sobre a temporada 2010/11. O restante do volume corresponde a outras variedades, principalmente à eva. Apesar da redução na quantidade total, agentes informaram que a maçã brasileira apresenta boa qualidade. Desse modo, pode ser maior o volume de frutas de categoria superior (Cat 1) ofertado no mercado doméstico ao longo do ano. As maçãs estocadas podem perder qualidade durante o armazenamento, mas, até o momento, o volume destinado ao processamento correspondeu a 22% da safra, segundo a ABPM.



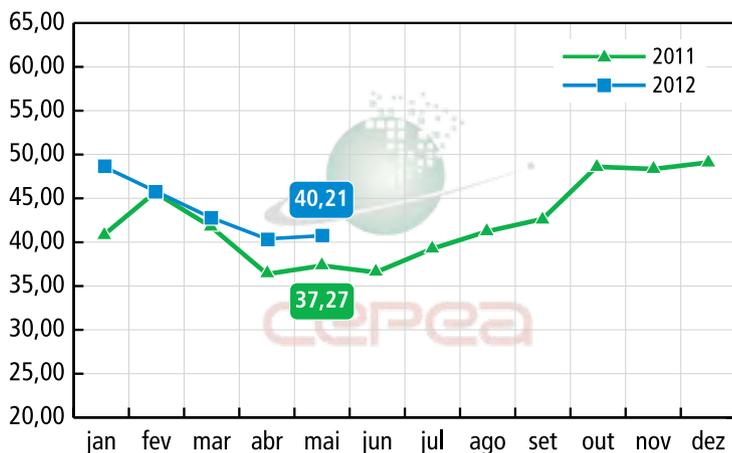
Dólar valorizado pode impulsionar últimos embarques da temporada

A temporada 2012 de exportações brasileiras de maçã, que começou em fevereiro e deve seguir até julho, registrou, até abril, 38,9 mil toneladas, volume 15,5% maior que o mesmo período de 2011, conforme a Secex. Quanto à receita obtida com as exportações, foi de US\$ 26 milhões no pe-

ríodo, 4,5% a mais na mesma comparação. Nos próximos meses, algumas empresas planejam enviar maiores volumes da fruta ao mercado externo em comparação com o mesmo período do ano passado. Essa motivação está relacionada ao dólar em alta, mas a falta de flexibilidade de alguns contratos pode limitar ganhos mais expressivos. Em maio, o dólar foi cotado a R\$ 1,98, alta de 7% frente a abril e 23% acima do registrado em maio/11. Do lado do importador europeu, pode haver interesse pelo fato de que os estoques totais das maçãs gala e fuji, variedades de maçã exportadas pelo Brasil, estão menores naquele bloco. Em 1º de abril, o volume de gala e fuji armazenado na Europa registrava queda de 30% e 14%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2011, segundo a Associação Mundial de Maçã e Pêra (WAPA). Considerando-se todas as variedades no mercado europeu, no entanto, os estoques estavam cerca de 27% maior na mesma comparação. Agentes devem, ainda, ficar atentos à recessão dos países da zona do euro, que pode reduzir a demanda pela fruta.

Maçã brasileira tem menor concorrência com importadas

Neste ano, até o momento, a demanda pela fruta nacional tem sido favorecida pela menor concorrência com as importadas. Nos primeiros quatro meses de 2012, as importações de maçã totalizaram 17,5 mil toneladas, baixa de 32,6% em relação ao mesmo período do ano passado, segundo a Secex. Quanto aos gastos com as importações, a queda foi menos expressiva: 7,4% menor na mesma comparação. Neste ano, o Chile teve a safra atual prejudicada pelas altas temperaturas, que reduziram a qualidade da fruta e limitaram o volume disponível para exportação. Já a Argentina, passou a enfrentar dificuldades para enviar o produto ao Brasil em maio. Isso porque, naquele mês, o governo brasileiro impôs limites às licenças automáticas para a entrada de maçãs argentinas. Com isso, algumas cargas foram barradas na fronteira, causando prejuízos para produtores argentinos e importadores brasileiros.



Preço da fuji continua estável

Preços médios de venda da maçã fuji categoria 1 (caixas 80-110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea





Calor favorece maior oferta de prata baiana

Cotações da prata se mantêm elevadas, mesmo com maior disponibilidade

Desde maio, a oferta de banana prata está ligeiramente maior em Bom Jesus da Lapa (BA), influenciada pelo forte calor nos últimos meses. Mesmo com a maior disponibilidade desde maio, a boa procura pela fruta sustentou os preços. Além disso, a oferta está mais escalonada neste ano, o que vem mantendo a margem de rentabilidade positiva para o setor. De janeiro a maio, o preço médio recebido por produtores baianos foi de R\$ 1,03/kg, 100% acima do valor mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura. A maior disponibilidade deve continuar até o final de junho, sem concorrer no mesmo período com a oferta do Norte de Minas Gerais. Sendo assim, o cenário de bons preços deve permanecer tanto na Bahia quanto em Minas Gerais, contribuindo para a manutenção dos investimentos feitos por produtores de ambas as regiões.



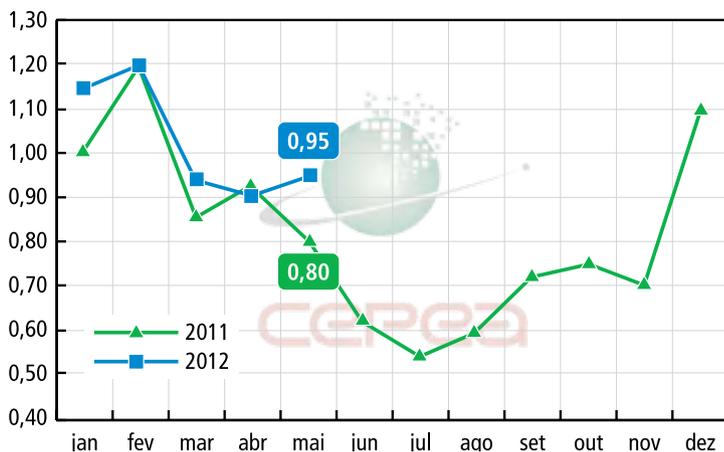
Clima frio deve manter oferta moderada no Vale e em SC

A previsão climática para os próximos meses no Vale do Ribeira (SP) e no Norte de Santa Catarina é de temperaturas mais baixas e menor ocorrência de chuvas – características típicas do inverno. Assim, não deve haver excedente de banana nanica nos próximos meses, uma vez que o frio reduz o ritmo de produção dos cachos. O tempo mais frio

pode, inclusive, depreciar a qualidade da banana, causando o escurecimento da casca (*chilling*). Apesar da esperada redução no consumo da fruta e da menor qualidade durante os meses de baixas temperaturas, os preços da variedade devem permanecer atrativos aos produtores, por conta da baixa oferta. Entre janeiro e maio, a média dos preços da nanica foi de R\$ 0,68/kg no Vale do Ribeira e de R\$ 0,49/kg no norte catarinense, valores 60% e 82% superiores à estimativa de produtores para cobrir os custos de cada região, respectivamente.

Exportações podem ser menores em 2012, mesmo com câmbio favorável

As exportações brasileiras de banana em 2012 (até abril) estão menores frente às registradas no mesmo período do ano passado, devido à oferta mais escalonada no Brasil. Apesar da possível redução dos embarques neste ano, o dólar mais elevado em relação ao Real em maio pode atenuar a queda (em Real) dos ganhos dos exportadores, se a moeda americana continuar valorizada frente a nacional. O dólar subiu 11% frente ao Real em maio em comparação com janeiro. Em contrapartida, houve valorização das moedas argentina e uruguaia frente ao dólar no mesmo período. Isso tem melhorado o poder de compra dos países vizinhos, o que poderia alavancar as exportações brasileiras para o Mercosul. Apesar desse cenário favorável, a baixa oferta da fruta no Brasil deve continuar limitando as negociações, inclusive com a Argentina e o Uruguai. Com relação à União Europeia, o valor do euro em relação ao dólar ficou praticamente estável. Ainda que exportar com a atual taxa de câmbio seja atrativo, a previsão é de que os embarques de banana ao bloco europeu também sigam inferiores aos registrados no último ano.



Prata valorizada, mesmo com maior oferta

Preços médios recebidos por produtores de Bom Jesus da Lapa (BA) pela prata-anã - R\$/kg

Fonte: Cepea

Preço da HF Brasil nas roças agora é por quilo

A partir de junho, para atender melhor às exigências do mercado, a Hortifruti Brasil passa a divulgar os preços da banana na roça com uma nova unidade de comercialização, o quilo.

VISITE A HORTIFRUTI BRASIL NA HORTITEC

Estande 38 Setor Azul

20 a 22 de junho Florianópolis/SC

Informações: (48) 3429.8808



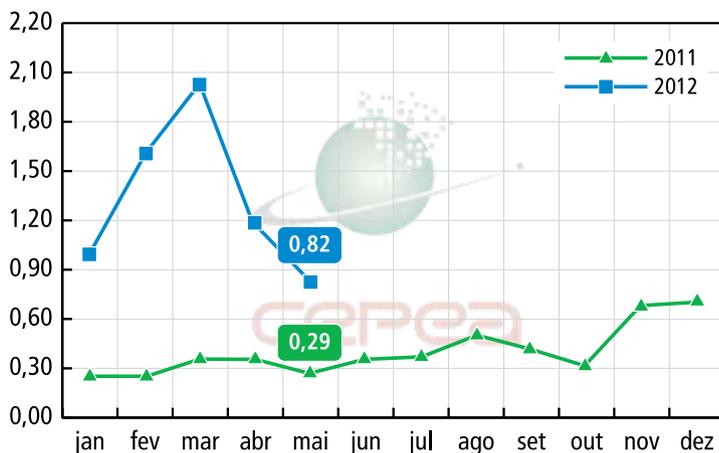
Maior oferta pressiona cotações do formosa

Após recorde, preço do formosa fica abaixo do custo de produção

O aumento da oferta de mamão formosa no Norte de Minas Gerais e no Oeste da Bahia tem pressionado as cotações da fruta desde março. A maior disponibilidade nas duas regiões está atrelada à entrada de novas áreas em produção. Com as recentes quedas nos preços, a média da variedade, em maio, ficou abaixo dos custos de produção. Vale lembrar que, de fevereiro a abril de 2012, os preços do formosa chegaram a registrar patamares elevados, devido à baixa oferta da fruta nesses meses. Em março, o preço médio do mamão formosa esteve 140% superior ao custo de produção, em ambas as praças. Já em maio, o mamão formosa negociado no Norte de Minas teve média de R\$ 0,21/kg, e o valor mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura foi de R\$ 0,28/kg. No oeste baiano, a média de maio foi de R\$ 0,33/kg, com custo médio de produção estimado em R\$ 0,37/kg. Para junho, a expectativa é que os preços do formosa se recuperem, puxados pela possível valorização do havaí, que deve ter baixa oferta no próximo mês.

Volume exportado cai em abril; dólar pode elevar receita

Ao contrário do esperado, a quantidade de mamão exportada em abril foi inferior à do mês anterior. Segundo dados da Secex, o Brasil embarcou quase 2,4 mil toneladas da fruta em abril, 0,7%



abaixo do registrado em março. O menor volume exportado naquele mês se deve à redução na demanda por parte dos Estados Unidos e da Alemanha. Apesar da redução de demanda, a receita foi de US\$ 3,5 milhões em abril, 1,33% maior que a obtida no mês anterior. Para junho, como a oferta de havaí (principal variedade exportada) segue restrita no Brasil, o volume embarcado também pode ser limitado. Porém, com a forte valorização do dólar em maio, espera-se que o ganhos dos exportadores aumente nos próximos meses. Em maio, o dólar teve média de R\$ 1,98, 7% maior que a cotação de abril deste ano e 23,2% superior à de maio/11.



Após meses de seca, chove em MG e no Nordeste

O tempo seco e quente desde fevereiro no Norte de Minas Gerais, na Bahia e no Rio Grande do Norte elevou a oferta de mamão nos últimos meses. Esta condição climática favorece o desenvolvimento da fruta, no caso de produtores que contam com irrigação. Esse cenário tem pressionado as cotações do mamão formosa desde março. O Norte de MG até chegou a registrar um pequeno volume de precipitações em maio, amenizando a deficiência hídrica. Além disso, as chuvas também reduziram a proliferação de ácaros na região mineira. No Rio Grande do Norte, os efeitos da seca ainda não chegaram a afetar a produção de mamão, uma vez que boa parte dos mamoeiros locais é irrigada. Na Bahia, também não há grandes preocupações quanto à ausência de chuvas, mas o tempo quente e seco acelerou a maturação dos frutos, aumentando a disponibilidade da fruta. Para o trimestre junho-agosto, a previsão é de chuva escassa em boa parte do Nordeste e de baixo volume de chuva no norte mineiro, segundo informações do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe). Essas condições, por sua vez, podem prejudicar a qualidade do mamão, devido à maior possibilidade de incidência de pragas, como os ácaros, e de doenças, como as manchas.

Preço do havaí recua, mas segue acima dos custos em maio

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg (exceto RN)



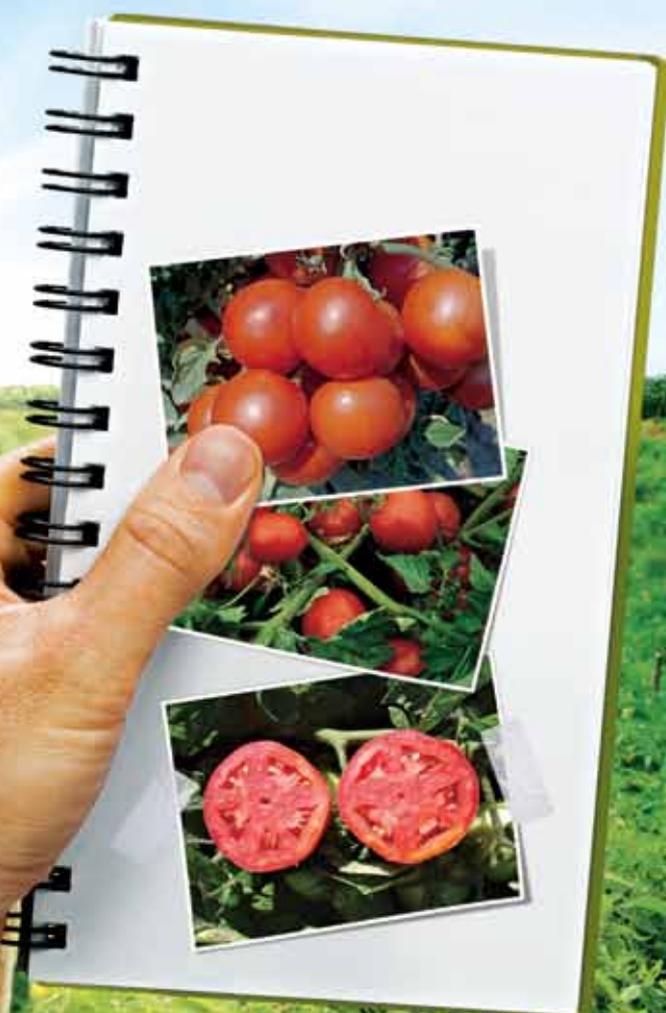
Fonte: Cepeca



**Não importa se
é broca-pequena
ou traça. Controlar
lagartas ficou
fácil com Belt.**



BELT



Belt, no controle das lagartas.

Não perca tempo identificando lagartas. Belt é o inseticida que apresenta excelente desempenho contra lagartas de difícil controle e seletividade aos inimigos naturais. Além disso, Belt possui novo modo de ação e ingrediente ativo indicado para o Manejo Integrado de Pragas (MIP). Seja na cultura de tomate, algodão, soja ou milho, lagarta é lagarta e precisa ser controlada.

Belt. Controlar lagartas ficou fácil.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO



Converse Bayer
0800.0115560



Bayer CropScience
Se é Bayer, é bom.

O Mancozeb com Estilo de Proteção



Protege mais de **30** culturas

Dow AgroSciences



Dithane[®] NT tem um estilo e uma maneira exclusiva de proteção. O único com a **Tecnologia NT** que permite aderência foliar, resiste à lavagem pelas águas das chuvas ou irrigação.

Na cultura do **Tomate**, protege contra os fungos causadores da **Requeima**, **Septoriose** e **Mancha-de-Alternaria**. E com o mesmo estilo de proteção atua contra mais de **40 fungos** em mais de **30 culturas** registradas!

Contra mais de **40** fungos



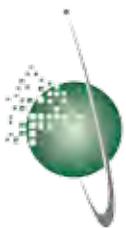
ATENÇÃO
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na caixa. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por terceiros de idade inferior a 18 anos.
CONSIGA SEMPRE UM EQUIPAMENTO ADEQUADO, VESTIR O EQUIPAMENTO ADEQUADO.

atidade sustentável
Dow AgroSciences

Dithane
50 ANOS



CEPEA



19ª HORTITEC



Auditório da Hortitec

(veja programação no verso)

- das 10h30 às 16h -

21 de junho de 2012

"PERSPECTIVAS DE MERCADO DE FRUTAS E HORTALIÇAS"

CONVITE

**V SIMPÓSIO ECONÔMICO HORTIFRUTI BRASIL
DE FRUTAS & HORTALIÇAS**

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso Especial
FEALQ
CORREIOS



IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfrbrasil@esalq.usp.br

SIMPÓSIO

Convidamos todos a prestigiar a quinta edição do nosso ciclo de palestras, que será realizado na Hortitec! Nossos analistas irão detalhar o atual panorama e as perspectivas do mercado de frutas e hortaliças.

Participe! Nosso Simpósio é gratuito a todos os presentes na feira!

PROGRAME-SE!

21 de junho de 2012

- Auditório da Hortitec -

•
das 10h30 às 12h

Cenário 2012 do setor de Frutas

•
das 14h às 16h

Cenário 2011 do setor de Hortaliças

HORTIFRUTI BRASIL NA HORTITEC

Além da realização do Simpósio, toda a equipe da **Hortifruti Brasil** estará no Setor Azul, estande nº 38. Teremos a "Sala do Produtor" em nosso estande para receber você e seus amigos para um bate papo sobre o mercado. Venha nos visitar, converse com nossos analistas e pegue um exemplar gratuito da revista!

JÁ TEM CONVITE PARA A HORTITEC?

Reserve com a gente!

19 3429.8808

de segunda a sexta, das 10h às 18h



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil